

AUTORES LIVROS

Ano III SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHA"
14/3/1943 publicado semanalmente, sob a direção de Mucio Vol. 10
Leão (Da Academia Brasileira de Letras) Núm. 9

Notícia sobre Bernardo Guimarães

Bernardo Guimarães nasceu no dia 15 de agosto de 1825. — A data de seu nascimento, que deve ser considerada controvérsia, parece agora assentada de maneira definitiva. Davam-no muitos autores como nascido em 1827, e entre estes enfileiram-se críticos e historiadores da responsabilidade de Inácio de Almeida, Silviano Romero, Leônidas, Ronald de Carvalho e outros. Basílio de Magalhães, comum, comunica que a data de 1825 é a que está na declaração em que Bernardo se matriculou na Faculdade de Direito de São Paulo: ela consta igualmente na carta de bacharel de Bernardo, que esse biógrafo viu em mãos da viúva do romancista. E em sua obra sobre o autor de "O Seminarista", transcreve ele a certidão de batismo de Bernardo, na qual figura a data de 25. E, pois, uma questão esclarecida.

Na Bernardo filho de João Joaquim da Silva Guimarães, nascido em Sabará em 1877, é igualmente prosador e poeta, e de D. Constança Guimarães.

Aos 4 anos, sua família se transferiu para Uberaba, e com ela foi a criança. Seguiu depois para Campo Belo, afim de cursar no seminário local, o curso de humanidades; continuou esses estudos em Ouro Preto, no Colégio do padre-mor Leandro. Nos 22 anos, se dedicou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, formando um grupo inseparável com Alvaro de Azevedo e Aureliano Lessa, como os poetas da maior expressão na geração de estudantes de São Paulo. Os três planejaram publicar um livro intitulado "Três Liras", que nunca chegou a ser feito. São Paulo era, então, um centro de agitação literária transbordante e ardente. Estava-se em pleno romantismo, e a influência de Byron, Hugo, Musset, Espronceda e Heine pairava no ar. A casa de Bernardo Guimarães foi logo um

lugares preferidos dos estudantes. Ali, nas noites de quinta-feira, organizavam-se as "ceias escolásticas", que se caracterizavam pelas recitações dos "bestealógicos". Bernardo Guimarães tornou-se mestre nesse gênero, do qual, numa das páginas deste suplemento, damos uma pitoresca amostra. E desse tempo que data a fundação da "Sociedade Epicurea", que tantas desvaladas invenções originou no espírito dos jovens poetas da Faculdade paulista. Bernardo foi, desde logo, um dos líderes desses boêmios, e contam-se de sua existência nesse período episódios muito curiosos, como aquele da suposta morte de Alvaro de Azevedo. Bernardo e Aureliano Lessa estenderam na sala de visitas o colega como morto, enquanto iam angariar dinheiro para o enterro. Ao regressarem traziam vinho, cerveja e comida, e, indo para um cômodo interno, começaram a fazer uma lauta comemoração da morte do amigo. Até que Alvaro percebeu pelo cheiro da comida que ali ele chegava, que estava sendo logrado, levantou-se do leito mortuário, com grande escândalo dos que faziam o velório, gritando: "Canalhas! Eu aqui como morto e vocês lá dentro a se banquetearem! Vou também regular-me!" (Basilio de Magalhães — Bernardo Guimarães, p. 31).

Bernardo fez o curso jurídico como um péssimo estudante, obtendo simplesmente e sendo mesmo reprovado numa cadeira do curso; revelara-se jornalista, entretanto, colaborando nos "Ensaio Literários" do Ateneu Paulistano e no "Bom Senso". Bacharelou-se em 1852, e logo depois foi nomeado juiz municipal de Catalão, termo da comarca do Rio Pará, em Minas. Em 55 e 56 esteve no Araguaia, e em 58 esteve residindo no Rio de Janeiro. No ano seguinte, assumiu a direção da parte literária da "Atualidade", or-

ganizado do Partido Liberal; ali foi companheiro de trabalho de Flávio Parnese, Lafayette Rodrigues Pereira e Pedro Luis. Em meados de 51, deixou o Rio de Janeiro e regressou à sua comarca de Catalão, novamente como juiz municipal e de ofício. Pouco depois acumulava com as funções de juiz as funções de delegado de polícia. Foi, porém, logo depois, exonerado desse último cargo com a nota de "a bem do serviço público", por ter cometido esta enormidade: apedecido dos preos, convocou sem demora uma reunião do juri absolviu-o todos, e soltou-os todos... Bernardo foi suspenso do seu cargo de juiz municipal, mas não quis submeter-se, e o incidente que isso originou teve repercussão no Rio.

Em 1884 está ele no Rio de Janeiro. Em 15 de agosto de 1867 casou-se em Ouro Preto, com D. Teresa Guimarães, sua prima. Era então professor de Retórica e Poética do Liceu Mineiro de Ouro Preto, cadeira que logo depois foi suprimida. Em 73 voltou ao magistério, indo lecionar latim e francês em Queluz. Também essa cadeira foi em breve suprimida.

Em 1881, D. Pedro II visita Minas, e um dos seus cuidados é visitar Bernardo Guimarães, que S. M. reputa um grande poeta e um grande romancista. Conta-se que o imperador quis car-lhe o título de barão. O escritor recusou-o, dizendo: "Qual majestade! Onde é que se vê um barão sem baronato?"

Recebido, logo depois, o encargo oficial de escrever a "História de Minas Gerais", livro ao qual se dedicou inteiramente mas que ficou incompleto. Teve de seu matrimonio vários filhos, e duas filhas. Uma dessas foi Constança, a terna amada de seu primo Alphonsus, o grande poeta místico de "Kiriakie" e de "Escada de Jacó".

Bernardo Guimarães faleceu em 10 de março de 1884.



PAGÉMICO

BERNARDO GUIMARAES

SUMÁRIO

PAGINA 129:

- Notícia sobre Bernardo Guimarães
- Biografia de Bernardo Guimarães, segundo Arthur Motta

PAGINA 130, 131 e 132:

- A Poesia de Bernardo Guimarães:
 - Desventura
 - A sepultura de um escravo
 - Itisido
 - O Sobrâo
 - O mariz perante os poetas
 - A orgia dos duendes
 - Se eu de ti me esquecer
 - Genil Sofia (Balada)
 - Barcarola

PAGINA 133:

- A posição moderna de Bernardo Guimarães, de João Alphonsus
- O Crime de Pedro, conto de Viriato Corrêa
- O apólogo do Homem Honrado (fac-símile de autógrafo de Viriato Corrêa)

PAGINA 134 e 135:

- Algumas páginas de O Seminarista de Bernardo Guimarães
- Um autógrafo de Bernardo Guimarães. Carta a um amigo
- Canacalis de Fernandes Vieira, de Viriato Corrêa
- O ferroiro Viriato Corrêa, de Viriato Corrêa
- Gratidão humana, de Viriato Corrêa

PAGINA 136:

- Combate com os Chevantes, de Bernardo Guimarães
- A figura de Isaura, de Bernardo Guimarães
- A teimosia do homem, de Viriato Corrêa
- Duas concepções de Estudo de Oliveira Viana

PAGINA 143:

- "Antero" — I — de Carlos de Assis Pereira
- A Poesia de um velho almanaque, de Mucio Leão
- Correspondência de escritores. Carta de Aníbal Teófilo a Marcellino Fagundes

PAGINA 144:

- Um autógrafo de Castro Alves — O hóspede
- O céu dos "Spirituals" de Cecília Meireles
- Notas de um estudante. Páginas inéditas de Jesus, de João Ribeiro

BIBLIOGRAFIA DE BERNARDO GUIMARAES, SEGUNDO ARTHUR MOTTA

1 — CANTOS DA SOLIDÃO. S. Paulo, Tipografia Liberal, 1852.

2 — POESIAS — (Cantos da Solidão — Inspirações da tarde — Poesias diversas — Evocações — A beira do Botafogo) 3.ª edição — 328 páginas — Rio, H. Garnier, 1865.

3 — O ERMITAO DE MUEQUEM, romance — 216 páginas — Rio, H. Garnier — 1.ª edição 1871.

4 — LENDAS E ROMANCES, novelas — 245 páginas (nova edição) Rio, H. Garnier, 1.ª edição 1872.

5 — O GARIMPEIRO, romance — 247 páginas. Rio, H. Garnier, 1.ª edição, 1872.

6 — HISTÓRIA DA PROVINCIA DE MINAS GERAIS, nove- volas, 203 páginas — Rio, H. Garnier — 1.ª edição, 1872.

7 — O SEMINARISTA — romance — 294 páginas — Rio, H. Garnier — 1.ª edição 1872.

8 — O INDIJO AFONSO, romance — A morte de Gonçal-

ves Dias poema — 144 páginas — Rio, H. Garnier — 1.ª edição, 1873.

9 — A ESCRAVA ISAURA, romance (nova edição) 276 páginas. Rio, H. Garnier — 1.ª edição, 1875.

10 — NOVAS POESIAS — 202 páginas. Rio, B. L. Garnier, 1876.

11 — MAURICIO OU OS PAULISTAS EM S. JOAO D'EL REY romance 2 vols. — 338 — 340 páginas — Rio, B. L. Garnier — 1877.

12 — ROSAURA, a engelizada romance — 572 páginas — Rio, B. L. Garnier — 1883.

13 — FOLHAS DE OUTONO, poesias — 258 páginas — Rio, B. L. Garnier — 1883.

14 — A ILHA MALDITA — O PAO DE OURO — romances — 214 páginas — Rio, H. Garnier — 1879.

15 — O BANDIDO DO RIO DAS MORTES, romance — 201 páginas — Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado de Minas — 1904.

Encontram-se seus retratos em "Literature Brésilienne", de Victor Orban, no "Almanack Alves", (1917) na "Revista Ilustrada", de Angelo Agostini, na "Revista do Brasil" (Janeiro de 1920), nos "Discursos Acadêmicos" (v. 3.º), em "Vultos e Livros", de Arthur Motta.

A POESIA DE

Descontento

Mesmo infeliz, meu lar é meu.
Balanço sem esperança.
Meu lar nel em vio se amava
Por ganhar o amigo porto;
Era ministro negro vio
Minha estrela se escondeu;
Não vejo lazer no céu;
Nenhum humor de conforto.

A tormenta desvairou-me,
Mastro i vela escalavrô-me,
E sem alento deixou-me
Sobre o elemento infern;
Quis já o bramir tredo
Das vagas contra o penedo
Onde me — fizer bem redio
Bosseirar o meu batei.

No horizonte não horizonte
Nem prata nem prata amigo
Que me salve do perigo;
Nem fuga que me esqueça;
Só vejo as vagas rolando,
Pelas rochas soluçando.
E mil coriscos vulcânicos
A medonha treva respesta.

Vaga balanço sem ventura
Pela turbida planura.
Através da sombra, escura,
Vaga sem lume e sem morte;
Sem vidas, fêndido o mastro,
Nas vagas lasciando o lastro
E sem ver nos céus um astro.
Ai! que só te resta a morte!

Nada mais ambicione,
Av vaga eu te abandono,
Como cavalo sem domo
Pelo campo a vagar;
Vaga messe pego invano,
Que nos tempos dão oceano
Ouso a voz de desamparo
Paverosa a ribombar!

Vaga balanço forçado,
Vaga sem rumo — perdido,
Pela tormenta batido.
Sobre o elemento infern;
Para lá não houverá;
A lona, sem lona avâncica,
Neste mar sem esperança,
Vaga, vaga, meu batei!

(Poesias)

A sepultura de um escravo

Também do escravo a humilde sepultura
Um gemido impõe de saudade:
Una lagrima só corrê entre elas
De compaixão ou medo...
Filho da África, espum livre das ferros
Tu devorres socogendo o eterno sono
Debaixo dessa terra que regaste
De prantos e suores.

Certo, mas doze te seria agora
Jácer no meio lá dos tua descerção
A sombra da palmeira, — não faltaria
Piedoso orvalho de saudade olhos
Que te ragasse a campa;
Lá muita vez em doíres dala luta;
Cangalo chorosa, que as tangens monteias
De rudo dia teus irmãos entoam.
Teus mãos acordara;
Mas aqui — tu al jazes como a folha
Que caiu na poeira do caminho,
Calçada sob os pés indiferentes
Do viador que passa.

Potrem que importa — se repousa achaste,
Que em vio buscaste neste vale escuro.
Pertil de pranto e dores;
Que importa — se não há sobre esta terra
Para o infelito asilo consagrado?
A terra é só do rico e poderoso.
E desses ídolos que a fortuna incensa.
E que ebrios de orgulho.
Passaram, sem ver que coi os velhos rodas
Bett entre deuso estuara um bendigante
No jardim do caminhão...
Mas o céu é daquele que na vida
Sob o peso da crua pressa gemendo;
E de quem sobre as chagas em indole
Derrama o doce bálsamo das lágrimas;
E do órfão infeliz, do anelido pesado;
Que da indigência, no bocão se armaria;
E do pobre cativo, que em trabalhos
No rude afun exala o alento extremo;
— O céu é da inoportunidade e da virtude.
O céu é do infortúnio.

Repousa agora em paz, bel escravo,
Que na sombra quebraste os ferros teus,
No solo dessa terra que repete
De prantos e suores.
E vós, que vindes visitar de morte
O lugubre aperto.
Deixaí calar os monos uma lagrima
De compaixão sobre essa humilde covida
Ai repousa a chama do Afriquino;
— O símbolo da morte.

(Poesias)

Ilusão

Vé, que painel formoso a tarde borda
Na brillante identidade do ocidente!

As nuvens em fantásticos relevos
Ans olhos flagem, que linda alem da terra
Move heróstico infinito se prolonga.
Onde lindas paisagens se desenham
Descomunais, perdendo-se no vago

De vaporosos longos...
Lagos banhados de reflexos dourado;
Onde se espelham gigantescas fábricas;
Solitárias encostas, onde avultam
Aqui e ali ruínas pitorescas.
Agrestes brechas, serranias brotadas,
Pendentes acentuadas, agudos picarões,
Pendendo um lindo céu de azul e rosas;
Fontes, cascadas deliciosas parques,
Encantadas cidades quais só pode
Crian condão de fadas.
Surim do vale, entre vapor brillante,
Com a fronda coroada de mil torres.
De erguidos coroéus, de vastas cúpulas;
E ali ainda mil aéreas formas...
Mil vagas perspectivas se deixam...
Que por longos sem fio se vão perdendo!
Todo elevado na ilusão dinossa.
Longo tempo mero olhos esprego...
Perem de céu se corta já desbotou.
Os fulgores se extinguem, se evanescem
As fantásticas formas... com de manso
A noite desdobrando o véu das sombras
Sobre o aéreo painel maravilhoso;
Apenas pelas orlas do horizonte
Brilhando através da escuridão;
O crespo dorso dos opacos montes,
E sobre eles fulgindo meretrócia,
Suspensa, como pálida lucerna.
A militária estrela do crepúsculo.

Assim vos apagais em sombra escura,
Ledes vides da quadra dos amores...
Lá vem na vela um tempo
Em que a um sorriso gelido se extinguem
A fantástica ardente.
Esse sol puro da manhã dos anos
Que doura-nos as nuvens da existência.
E mostra alem, pelo porvir brilhando,
Um céu formoso e rico de esperança;
E esses puros bens, que a mente flisa
Climava em tanto amor, tanto mistério.
Iá vão sumir-se uns dia
Nas tristes sombras da realidade;
E de tudo que foi, canseio fia.
No fim dos tempos, a aventureira apenas,
Triste fatal, brilhando entre ruínas!

(Poesias)

O Sabiá

Coquard, soubie le véritable embûche du créetien ici-bar; il préfère, comme le fidèle, la solidité au monde, le ciel à la terre, et va tout heure sans cesse les merveilles du Créateur.

(CHATEAUBRIAND)

Tu nunca ouviste, quando o sol é posto,
E que do dia apenas aparece,
Por sobre os ermos pinheiros do oceano,
A orla extrema de purpuro manto;
Quando lá do sagrado campanário
Ja rebola do horizonte o som piedoso,
Abençoando as horas do silêncio;
Nesse instante de mistico romântico,
De maga solitário, em que parece
Falar benção divina sobre a terra.
No momento em que a noite vem sobre elas
Desdobra o seu manto sonolento;
Tu nunca ouviste, em solitária encosta,
De ares tristes, na ledosa grama,
A voz saudosa do cantor da tarde
Enguer-se melancólica e suave.
Como uma prece extrema, que a natureza
Envia ao céu, — suspiro derradeiro.
Do dia, que entre sombras se esvace,
O vivântio para ouvir-lhe os queixos
Para, e se assenta à margem do caminholo;
Encostado aos umbrais do pobre albergue,
Clema o colono nos sons do sôbre canto
Já das rudes fadigas desembrido;
E sob as azas úmidas da noite
Aos meigos sons em êxtase suave
Adormece embalada a natureza.

Quem te inspira o doce acento,
Sobrando melodiado?
Que mágoas triste lamentas
Nesse canto suspirado?

Quem te ensinou a canção,
Que cantas ao pôr do dia?
Quem revelou-te os negredos
Da tua mágoa harmonia?

Acaso a amêndoa tu choras
Do sol, que aleia se sumira;
E ten canto ao dia extinto
Mavisco adens suspira?

Quem nessas notas sentadas,
Exalando o termo ardor,
Tu contas à meiga tarde
Segredos do teu amor?

Clema, que o teu doce cante
Nestas horas tão serenas,
Nos seios dália adormece
O pungir de acerbas penas

Clema, o vale abundo acento
De tua voz harmoniosa.
Clema, e demônios tristuras
De sua vida afanosa...;

E ora náuse se lhe accorda
Do passado uma visão,
Que em perfume de saudade
Vem banner-lhe o coração;

Cra um sonho lhe vislumbra
Pela traves da porta,
E uma estrela a esperança
Em seu céu lhe vêem sortir;

E por momentos encantado
Lhe desvia a pensamento
Quem nuvens que o velho emoso
Pelo céu da formação;

Canta, avealha amiga,
Em teu sono sonora,
Sauda as horas sonhadoras
Do aérion e do riso;

Adoramente a beleza
Das portas de tua casa,
Canta, ato que o dia morria
Em todo na escuridão;

Assim o bardo inspirado,
Quando a eterna hinde escuta
Lhe anuncia a fatal hora
De baixar a reputação;

Um adeus apertado à vida
Sobre as cores modulando,
Em seu leito apertando,
Vai adormecer cantando;

Colmou-e o céu de seus dons
Sabia melodiados;
Tua vida aterradora
Desliza em perene gozo.

No topo do trono excede,
Dentro um trono de Verdura;
Dentro a voz melodiada
Com que encanta a natureza;

Deu-te os céus da volta
Irra, reper-te a canção;
Deu-te amor no doce, ranha,
Deu-te os céus da solidão;

Sorrizo a vila serena
Como um sonho informado;
Oh! que é doce o teu viver!
— Cantar e amar — em teu falso!

Cantar e amar! — quem dirá no triste bardo

Assim viver um dia.
Também nos céus os amigos de Deus vivem
De amor e de harmonia;
Quem me diria qual tu, cantor dos bosques
Na paz da solidão,
Sobre as ondas do tempo te resvalando
Ao sonho de uma eternidade
E exalando da vida o seixo extremo
Num canto de amor.
Sobre um ralo da ladeira envir um dia
Minh'alma ou Cleodoro...;

(Poesias)

O nariz perante os poetas

Cantem ondas os olhos, os cabelos
E mil cores grata
Das belas suas; eu de minha amada
Cantar quer o mar;

Não sei que fado miser e mesquinho
E este do nariz,
Que poeta nenhum em prosa ou Verso
Cantá-lo jamais quis;

Os dentes são pérolas
Os labios rubis,
As trancas histrosas
São laços sutis
Que prendem, que encanta
Amado feliz;
E' o colo de varja
A nives cerviz;
Foram ningum dia
O que é o nariz

Beija-se os cabelos,
E os olhos belos,
E a boca mimosa,
E a face de rosa
De fresco matiz;
E nem um só belo
Pica de sobrço
Pro pobre mariz;
Ali! pobre mariz;
E' bem intello!

Entretanto, — notai a seu razão
Do mundo lúgusto e viciado;
Entretanto o nariz é do semblante
O ponto culminante;

No meio das demais feições do rosto
Engolido é o seu posto;
Bem como um trovo, e acima dessa gente
Eleva-se eminentemente;

Trabalham sempre os olhos; mais ainda
A boca, o queixo, os dentes;
E — miseris plebeus — vão excedendo
Ofícios diferentes;

Mas o mariz, fidalgos de bom gosto
Desliza brandamente
Vida voluptuosa entre as delícias
De um doce faraiente;

Solito fala, em seu divan sentado
A respirar perfumes,
De bemaventurado ócio gravando.
Mais tam inveja aos namorados.

BERNARDO GUIMARAES

Poeta de produs o Rio Oriente
O redor, a maria, o incenso;
Poeta de melga flora de seus cofres
Verde o tesouro imenso;

Amaruca fui sua, a manha aragua
As aves encantando,
Aqui lhe de sua vermelha violetas
Aromas apurando.

Porto poter magia, sofreu o injusto
Silêncio dos poetas?
Sorria Calídia? não torcera ainda
Da paciencia as unhas?

Nariz, nariz, já é tempo
De cearar a tua quixinha;
Pois, se não há ponha
Que não temia o seu perfume,
Em que o porto de meios cheias
Os aromas não arruas.
Por que rindo os poetas,
Porque do nariz não falam.
Do nariz, pra quem sonhou
Eses perfumes se exalam?

Ondas, poia, luraas os vales,
Acharreia as Iringâncias,
Os balançados odores,
De que endireita vossas estâncias,
Os silvícos, os aromas
Que nos verões espalha;
Quie acharreia perfumes,
Se não houveras pariz?
O res, que no nariz nega
O perfume de l'algaria,
Nribi, que se por um erro
Não há nariz na poesa,
E por seu lado infeliz,
Mas não é porque não haja
Poesia no nariz.

Atenção nols aos sons de minha lira,
Vig todos, que me ouvia,
De maria b-m sainda em versos d'ouro
Cantar quanto o nariz.
O nariz de meu bem é como... oh! céus...
E como o que? por mais que lida e sia,
Nem uma só ameira...
Que nols noga esta hoje uma toupeira,

Nem uma ideia
Me sai do raco...
O misterioso,
Triste faser!!!

Era bem um lembra, a Bíblia em qualquer parte
Centro para o Libano compara:
E tal era o nariz,
De que fumetto não seria a caraf...

E ali de mim desgraçada,
Na a meu doce ham amado
Na seu nariz conservado
A alma erguida montanha;
Com razão e sem tardança,
Toupará cruel vinha
Por essa infaria amanha.

Pois bem!... Vou arrumar-me pelo vagão
Para concurvarlos que a troche-moça
Do romantismo o gênio cá nos trouxe,
Que pra todos os poetas vão servindo;
E lá fantaiza as redens andando.

Tive, bem como um rego,
Nos dedos me alistar do vasto passo,
Que as românticas nuvens devolviamas
Costumam navegar a reis soltas,

E assim como o coração,
Sem ter corda, nem cravilhas,
Na linguagem dos poetas
A alma harpa se assemelha;

Quando as mãos de alva domata
Parem cestos de rosas,
E as roupas na malha espessas
São em verso vaporosas;

E o corpo de esbelta virgem
Têm feito de coquinho,
E se com um belo se quebra
De São Francisco é ligeiro;

E como os olhos são flechas,
Que os corações são varandas
E outras vezes são flautas
Que de noite vão cantando;

Pra rematar tanta peta
O nariz será trombeta...

Trombeta o meu nariz!!! couço-brindando
Pois meu nariz é trombeta?...
Oh! não舞se, sr. poeta,
com meu nariz cintrometa.

Porfir por esta vez, perdão, senhora.
Mas nova inspiração me assalta agora,
E em hora só teu nariz
Das janelas me arrebola em chafariz;

O teu nariz, doce amada.
É um castelo de amor.
Pelas mãos das próprias graças
Fabricando com prímer;

As suas ventras estreitas
São como duas seixas.
Dónde ele oculo dispara
Agudas flechas certeiras.

Em que situa te pux, amor, cotadão!
Meu Deus, em que perigo!
E a muda espuma, prós as salinas,
E em terra das ondas.
Estou lá cansado, dentro da empresa,
Na vermei numeros cantar-lhe bem ouvir,
Mas não o consento! é no povoero,
Que festei infeliz:
Erei deridido... — pra raves em versa,
Rebeldes nariz.

■ hoje tu deves
Te dar por feliz
Na seiva vermelhas
Brincando te fa.

(Rio, 1958) (Posada)

A orgia dos Duendes

I
Mela-pulpe sobr na florista
No refúgio de sono de pau;
E a velhinha, rachita de festa,
Se assentou sobre o grande gurdy.

Lobishome apinhava os gravetos
E a fúrcula no chão acomoda,
Revirando os compridos sapatos,
Para a cia de grande fousa.

Junto delas um vermelho diales
Que saiu do autor das fousas,
Pendurando num pôlo râba,
No borralho terrava pipoca.

Taturana, una bruxa amarela,
Resmungando com ar arrancado,
E' octupava em trigo da panada,
Um menino com tripas e tudo;

Getirana com todo a açoete
A caldeira da xopa adubava
Com o sangue de um velho morcego
Que ali mesmo corria unhas sangrentas.

Mamanaava frigia nas banheiras
Que içou do cachapão da frada,
Adobado com pernas de aranhas,
Fresco lombo de um frel dos abada.

Vento sul subiu na combucha,
Galo-preto na cima espólos;
Por trás veia mumbis a matraca,
No cupim o marujo pôlo.

E a rainha colou mês ressequidas
O sinal por trés vezes fôr dasse,
A coorte das almas perdidas
Desce pulre ao batique chameando:

• Vinda, ó Ilhas do ouço do pau,
Lagartixas do raso vermello,
Vinda, vinda tocar marimbau,
Que hoje é festa de grande aperfeio.

Barapigas do monte das cobras
Que fazem lá no fundo de brecha?
Do sepulcro traxi-me as abobras,
E do inferno os meus felizes de lenha.

Ide, já procurar-me a bandurra,
Que me deu minhas tias Marchinha,
E que nos ventos da noite amarela,
Pendurada no arco de rebha.

Onde saída, que inda aqui não te veja,
Esqueleto gamengo e pentil?
Eu quiser acordar-te c'um belo
E lá no bui lenhoso covil.

Galo-preto da torre da morte,
Quo le aninhais em leito de brasa,
Vem agora esquecer tua sorte,
Vem agora em torre armadas tua sede.

Sapo-incluido, que moras na serra
Inde a mão do deitado enterrado,
Tu não sabes que hoje é tua nova,
Que é o dia das danças de lei?

Tu também, ó gentil Crocodilo,
Não desporto o meu uso;
Vem holer excente reallo
Que eu do pranto extrai das riuvas.

Lobishome, que fazes, meu bem?
Que não vens ao sagrado baile?
Como fratras com tanto desdém,
Quem a c'roa te deu de grida ducas?

II

Mil duendes dos antros saíndo
Bateando e latendo matracas,
E mil bruxas uivando surgiço,
Cavalgando em compridas estacas.

Três diabos vestidos de rosa
Se assentaram nos pés da rainha,
E uns deles, que tinha o pé oxido,
Começou a tocar campainha.

Campainha, que loca, é ovelha
Com badalo de casco de burro,
Que no meio da seiva aguourira
Vai fazendo medonho assusto.

Capetinhas trapade nos galhos
Com o rabo enrolado no pau
Um agitado somoros chocalhos,
Outros idem! a tocar marimbau.

Crocodilo fuzaca no papo
Com ruído de grande fragor;
E na inchada barriga de um sapo
Requeleia locava tambor.

Da carreira de um seco defunto
E das tripas de um velho barro,
De uma bruxa ringentinha e bestinha
Arroucou logo ferro rubecão.

Assentado nos pés da rainha...
Lobishome banta a bala
C'ra canela de um fraude, que tinha
Inda um pouco de carne corrupa.

Já ressoava timbalas e rufoas,
Perre a dança de catorei;
Taturana, batendo as adutas,
Baptista cantando — e o rô!

Getirana, bruxinha faraça,
Arranhando farrapos bacurá,
Com tremenda embigada dançosa
A barriga do velho Caturra.

O Caturra era um sapo papudo
Com doux chibre vermejinhos na testa,
E era ele, a despeito de tudo,
O maior malo patuço da festa.

Já no meio da roda surrando
Aparecer a mula-sem-cabeça,
Bate palmas a súcia berrendo
— Viva, viva a mula, condessa!

E dançando em redor da foguetaria
Vôo gritando, gurando sem fôr,
Cada qual uma estrada aguourira
Vão cantando alienados assim:

III

TATURANA

Dos prazeres da amar as primidões,
Do meu pai entre os braços gozou;
E de amor as extremas delícias
Deu-me um filho, que deles gerou,

Mas se minha fraguesa foi tanta,
De um convenio fui fratre profeso;
C'nde morte morri da sua amar;
Vejam lá, que tal foi esta paga.

GETIRANA

Por conselhos de um onírio abada
Dous maridos na cova aquela;
E depois por amors da sua frada
Ao suplício o abada arrastei.

Os amantes, a quem despojiei,
Conduzi das degrejas ao círculo,
E alguns filhos por artes que sei,
Me carrei do ventre ao túmulo.

GALO PRETO

Com o frade de um santo convivei
Fute gordo toutico crevet;
E de lindas donzelas um cento
No altar da luxuria amolei.

Mas na vida breia de asseclas
Mui contrito reseli, jajeci,
Té que um dia de ataque apoplectic
Nos abriuemos do inferno asturais.

ESQUELETO

Por fazer ade mortalha crua guerra
Mil fogueiras no mundo atei;
Quatro vivos queimou sobre a terra,
Ja eu mesmo contidi-los não sei.

Das severas virtudes mandatias
Dai no entanto piedades exemplas;
E por lau cabeças fantadas
India me ergume alturas e tempos.

MULA-SEM-CABEÇA

Por um bispo em mortia de amores,
Que a final mens extremos pagou;
Meu marido, fervendo em furor,
De chamas, o bispo matou.

Do conselhão enjui-me dos laços,
E ansiosa que vé-los quebrados,
Meu marido peique em pedopas,
E depois o comei aos bocados.

Entre galas, veludo e damasco
Me vivi, bela e nobre condensei;
E por fôr entre as mãos do castor
Sobre um cebo perdi a cabeca.

CROCODILO

Ei fui papo; e aos meus inimigos
Para o inferno mandei c'um soco;
E também por servir aos amigos
Té nas hóstias botava veneno.

De princesas crudas e devassas
Fui na terra constante patrono;
Por gozar de suas mimos e gracas
Opiei aos maridos sem sono.

Ei na terra vilégario de Cristo,
Que nas mãos tinha a chave do céu;
Eis que um dia de um golpe imprevisto
Nas infernos ei de boleia.

LOBISHOME

Ei fui rei, e aos vassalos fui
Por chuiada mandava enfocar;
E sabia por mudos crudels
As esposas e filhas roubar.

Do meu reino e de minhas cidades
O talento e a virtude exzeloi;
De micheias, carrascos e frades,
Do meu trono em degraus rodol.

Com o sangue e suor de meus povos
Disperdi-me e criei c'la pança;
Para enlamei, urras dando e concorvo,
Vir ao demônio servir de pitanga.

RAINHA

Já no ventre materno fui boi;
Minha mãe, ao nascet, eu mistei;
E meti pal por herdar-lhe a coroa,
Em seu leito co'as mãos espalhei.

Ei irmao mais idoso que ei,
C'na pedra enzerrada no escopo,
Affrado ás cutidas morreis;
Afogado no fundo de um poço.

Ei marido nenhum achei gelo;
Ao primeiro, o qual tinha chuma,
Dava peito co'as colheitas do lito;
Abafei para sempre as qualquimes.

A POESIA DE BERNARDO GUIMARÃES

Ao mundo, da torre do povo
Lá vai eu por mim ser deixado;
Ao lesteiro por mim n'um abraço
Pois costas cravé-lhe um punhal.

Fui a turba de meus servidores
Ficou meu sapato de um dia;
Quem gravava meus rédes favores
Nas almas da mar se sumiu.

No longoite internal da lama
Quando vassos amarrados chega,
Sustentava nos dedos a farta,
Sua prédade depois os quebrava.

Quem pratica profanas tamanhas
Côr não tem por tristeza e misericórdia;
E noite por suas facanhas
Dizem entre vós ser lama.

IV

De batuque infernal, que não finda,
Tu fulgura o fatal rodejo;
Mais veloz, mais veloz, mais ainda
Ferve a dança como um corposo.

Mas é que no mala quente da festa
Um rebento estalando se ouviu
Galopando através da flores a
Magra espetro sinistro surgiu.

Gentil Sofia (BALADA)

"Fia já minha Sofia,
Fia!
Enquanto eu faço esta coba,
Está!
Está hoje com tamanha
Menina,
Que não vale dessa janela;
Nela,
Querer vir os estudantes
Antes
Do que acobar depressa
Essa,
Tarefa, que al fin a banda,
Adua!...
Pera já teu serviço;
Isso!...
Antes que os ventos te esbarrei,
Atuu!..."

Tal a velha moxibenta
Benta
Os seus raios redobrava
Brava,
Enquanto a gentil Sofia
Fia,
A cossaca da netinha
Tinha
Em seu peito bem oculto
Culto,
Que a ninguém revelava;
Lavrava
Que o seu peito todo inflama;
Flama,
Que a traça em mil apuros
Puros,
E abrindo seu resto
Srio,
Que reconhece os ardós,
Diz:

"Perdi minha avô materna
Terra,

"Se eu para meu repouso
Outro,

"Abri de meu coração
São,

"Os olhos escaninhos,
Ninhos,

"Em que amores eternos
Ternos,

"Os cuidados que me aturdiam
Urdem,"

A isto a velha casmura
Urta,

E com voz endiabrada
Endiabrá,

Dizentes em palavras poucas
Quicas,

"Quanta asneira há neste mundo
Mundo,

"Menina tão fresa coisas
Quicas,

"Declarar à tua avô
Oh!

"Se acaso de amor as chamas
Amor,

"Vai buscar outros lugares
Ares,

"Que tu não ouvires jamais
Ais,

"De memória proximada
Nada!"

Mas Sofia lhe responderá:

"Onde
Queres agir que tu vá...
Ah!

"Minha avô por piedade
Ha de

"Escutar-me alguns instantes
Antes

"De mi bantar para forar
Cra,

"O que assim me levou
Vou,

"Contar levando esta louça
Cra...

"Vi um dia um mico lindo

"A passar nessa janela:
Nela,
Pregava um olhar inquieto
Quieito;
"Na guitarra um som vibrando
Brande,
"De amar cantou-me diversos
Versos,
"Sua voz que quanto encanta,
Canta,
"E diz como linha reclama
Amo!
"Em meu peito essa palavra
Lava,
"E essa alma, que não socoga;
Cega,
"Depois nele sua escrava
Crava,
"Um olhar, de que morri;
Eu,
"E me diz — Eu quer teu
Eu!
"Serás tu — lhe responde
Ponca,
"A mão sobre coração
São,
"E abraçou-me muito esperto
Perlo,
"E com toda a garrulice
Disse:
"Tu és como a primorosa
Rosa,
"Posta em vaso de alabastro;
Astra,
"Que me alunia o presente;
Ente,
"Que eu mais prezo e mais anelo;
Elo
"De uma prisão suave;
Ave
"Que me canta mil divinos
Hinos,
"Ante que traz-me em delírio;
Lito,
"Cujos seio juizo extreme
Tremo,
"Se a brisa dál-heus sobrejus
Beijos,
"Em torturas violentas
Lentas
"Antes eu numa massonaria
Morra,
"Do que ver quebrar os belos
Elos
"Do grilhão que amor prepara;
Para
"Nossa união semipermana
Terra".

A velha responde assim:

"Sim!
"Bem conheço este insolente
Ente,
"Que insultou-te tamanhas
Marbas,
"Eu acho no tal sujeito
Grito,
"De quem nem um só vintem
Tom,
"Como homem que não se
temprega...
"Muita pena aos inocentes
Entre,
"Tu estás muito enganada...
Nada
"Pra casar é preçoso
Ciao...
"Olha que aperte demente
Mente,
"E para que te seduza
Dua,
"Desse medo e promessas;
Essas
"Ele nunca as cumprirá
Ahi,
"Se eu o pilho a verdade
Ha de
"Sollar a poder os muros
Urro!...
"Ah! Wan'el... Vençao!...
Ciao..."

Hediondo esqueleto aos arrancos
Chocallava nas abas da selva;
Era a Morte, que vinha de tranco
Amentida numa égica amarela,

O terrível rebento zumbindo:
A nojosa canalla enxovalhava;
E a esquerda e à direita curvando
Com voz rouca desto arrebroado;

"Para, ferai esqueletos penitentes,
Lobashões, e lirinhas mirabolantes;
Para a roxa osses ossos nojentos;
Para o inferno essas almas dançantes!"

Um estúpido rebento nas sete:
Que recendeu com cheiro de cinofrite
E na terra por baixo das relvas.
Toda a sucula sumiu-se de chofre.

V

E aos numerosos albores do dia
Nem ao menos se viam vestígios
Da defenda, astuciosa folha.
Desse mole de horrores prodígios.

E nos ramos saltavam as aves
Correndo canários queixumes,
E brincavam as aves suaves
Entre as flores colhendo perfumes.

E na sombra daquele arvoredo,
Queinda há pouco vin tantos horrores,
Passando sorrisos e sorrindo medo
Linda virgem cismava de amores.

(Poesias)

"Dentro dalmá uma arrepiosa
Luta

"Em mil angustias mortais,

Tais,

Que iam quase sufocá-la!

Cala

Mas enfim volta-lhe o alento

Lento,

E com a voz alquebrada

Borda

"Minha avô, não vos sangueis;

Eis

"Como o caso sucederá:

Eis

"Ja casei com esse inocente

Ente

"A quem voltam tão ardendo

Odio,

"A ele, a quem agrada,

Del

"O que mais uma donzela

Zela,

"Seu amor, sua fé constante

Ante

"Vosso vizinho compadre

Padre,

"Ele posse de antrião

Mio

"Que a morte tua netinha

Tinha

"Ao esposo bem fadado

Dudu,"

Ela que a velha videra

Pela

E de uma ferradura

Dura

Que o senso ali incrava

Trava

E a memória desdosa

Toca...

A netinha em grinalha

Lin

Pelos cantos obliquando

Quando

Vendo abrira uma janela

Nela

Procurando uma escápula

Pula,

E pela rua se vail

"Ali!

Tenho a cabeça quebrada

Brada

"E para pedir socorro

Corro".

Nisto o vizinho compadre

Padre,

Bom pastor de vida obscura,

Cura,

Que com sua saiva guarda

Guarda

Da curva pula de um salto

Gado

Ouvindo os descomunais

Al,

Que a donzelha que acordava

Dava,

De curva pulia de um salto

Alto,

E quem dele se socorre

Corre;

E da a velha casmura:

"Urrah!

"Perdi o eu sem estorvo

Toro,

"Pela sua casa & dentro

Entro,

"O meu Druso que de escarobus

Casa,

"Que hoi o mundo vem abaixo

Abalo,

"Esta casa só lhe serve

Arde,

"Entre mal entubados

Brades!,

"Comadre, quem muito berra

Berra,

"E quem muito se arreganha

Ganha,

"Com tamanha matinhada

Nada,

"Vossa netinha inocente

Senta

SE EU DE TI ME ESQUECER

Se eu de ti me esquecer, nem mais um riso
Passam meus tristes lábios diante;

Para sempre abandone-me a esperança,

Se eu de ti me esquecer,

Meus amores a si, meus amores as lágrimas
Sómbra amiga, em que posso dormir,

Não tenham para mim minharia de lamentos,

Se eu de ti me esquecer,

Em minhas mãos em fogo de se manda,

No meu instante a flor, que eu for rachar,

Em fio a fonte, a que elas meus labios,

Se eu de ti me esquecer,

Em meu peregrinar jamais encontro,

De abrigo, onde posso me abrigar,

De plaga em plaga, foragido vaguei,

Se eu de ti me esquecer,

Qual sombra de preso entre viventes

Passa os miseráveis dias a gemer,

E em meus martírios me esfomeia o mundo,

Se eu de ti me esquecer,

("Novas Poesias")

A minha barca é veleja,
E ligia,
Saiu as rochas evitá;

Nem tem nem perigo,

Quando sigo

Por falso e teu olhar,

Saiu o mar

A Brilhar

Seu mar é carim polar,

Tal qual de assim falso,

E como,

Deus só filha do mar;

De tem lábios os totais

Onze mês,

Poderam encontrar!

Sobre o mar

A vagar

Saberá melhor amar,

Esas pérolas nimosas,

Que entre roer,

Nunca sorrir fazia brillar,

Seu teu riso que não

Entre frangas

Só e mar bateu criar,

Sobre o mar

A vagar

Vem tem riso derramar,

De tem olhos clamorosa

O' Dolores

Parcei n'eu n'eu luar,

Quando na onda docemente

Dormiente

Vem tem raios regalar,

A dormir

Vem tem braços te abraçar,

Morenha reticente,

Que fagulha

Pela praia viva clamar,

Ondas amigas

Que amorosa

Vem tem areia soltar,

A dormir

A vagar

Viveremos só de amar,

("Novas Poesias")

BARCAROLA

Petiscara moreninha,
Que à tardinha

Vem na praia passar
Vê a minha barca linda,

Mais ainda

Que o mimo mimita;

Que o bicho encantador;

Neste berço encantador;

Neste amor

Nunca mais há-de acabar.

Sobre o mar

A vagar

Viveremos só de amar,

A dormir

Sobre o mar

A vagar

Só tu me tens pilar,

Ama a cada dia pilar mar,

Nem se cansa

De sempre e sempre a bolar;

E minha alma vê com elas

O' dôcilas,

Seus amores mimitas,

Só tu me tens pilar,

Sobre o mar

Sem cessar

Por ti vivo a respirar.



Bernardo Guimarães, nascido em 1886

64 - Wanda Ribeiro

A posição moderna de Bernardo Guimarães - *José Alphonse*

para sua posição mulheria, quando a um escritor quase cagando em seu piso m. dos que os modernos se interessam, talvez não seja aceitável. Mas é de dizer que há uma posição moderna negativa... Sob o aspecto, posso até achar que é moderna.

Quando Arthur Motta publicou em 1921 "José de Alencar e o Teatro e o Político" — sua tese de doutoramento — subordinada

No seu esboço biográfico e crítico, Basílio de Magalhães escreve positivamente que Ber-

encarado foi o primeiro a encarar a diretriz de realização acadêmica, mas não assim com tanto do estilo desejado. "Bento como Franklin Távora". — Sempre se distinguia o esmo paisagista, embora não amigusse "mesmo perfeição" do mestre. A sua forma também era menos corajosa do que a de Alencar e Favaro. — O "Brasil de Augusto" é de 1854, no qual o "Casa de Portugal" primeiro "conhece" as crônicas de Franklin Távora, que saiu em 1863, em folhetins do "Jornal da Recife". E veremos que o trabalho da "estrada" escritor coorense — "Os Inícios do Jogueirismo" — é de 1852; mas devem-se objetar que esse romance su ordina-se à escola ironista".

Na ali uma diferenciação que culvez baseada em Sylvio Romero, entre realismo tradicional e romance de costura, é tristeza; e neste conferente Arthur Motta a precedencia a tese, através de dicas. Ao passo que o moderno Ro- nald da Carvalho, na sua "Pequena História da Literatura Brasileira", não hesita em considerar primária a Bernar- do, págs. 268-269, 2^a edição, 1922.

— Don Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (1827-1883) é uma das primícias do sertanejo, do romance campestro, que Arinos, nos rápidos contos de "Pelo Sertão", poliu e desenvolveu em um modo quase definitivo, usando dos mesmos processos de Turgueniev, nas "Histórias de um Caçador". O romancista mineiro repetiu sem esforço, ainda que artificialmente, por vezes, as impressões da sua vida de província perdido nas caatingas do planalto central, no meio da espírita rude, dos vaqueiros e dos senhores de fazendas do interior. Poeta, antes de tudo, Bernardo Guimarães sentiu, mais do que observou, as colinas do mundo. "Maurício", "Escrava Isaura", "O Seminário" e "Demônio", revelam as várias etapas que atravessou o escritor, ora preocupado com os tempos, ora com os negros, ora com as pequenas intrigas da sociedade colonial".

ta-lhe, extraídas da "Pequena História", notações comprehensivas como estas: "Suas descrições são agradáveis, e até juiz tal algumas vezes; ele sabe evocar admiravelmente os aspectos da natureza, animados com espontaneidade, as formações mudas da paisagem, mostravam-se carinhoso para com as aves e as plantas, pintava com valentia e encanto a verdade bullockiana dos campos, a curva das colinas no horizonte, e o sedento rumor das frentes balançando pelo vento morno do sertão".

— Pág. 140 do esboço biográfico e crítico, pag. 269 da "Pequena História", terminando assim o trecho citado: "Aqui não poderemos apontar o falso, vé-se que o artista estava no seu elemento quando confrontava com a alma nativa. E é como descriptivo que merece atenção".

A respeito de descrições. Aqui entra o pre-modernista Monteiro Lobato, no seu livro

As primeiras do setianismo, publicadas em Ronald, é que estão certas, ainda que lhe fixe erradamente o ano de nascimento, que foi 1825, e o da morte, 1884. A trapalhada de dados na vida do romancista dinheiro, muita vez provocada por ele mesmo, daria para uma série de artigos. A confusão acima, o dia do nascimento foi motivada pelo poeta Bernardo, quando, em 15 de agosto de 1841, fez um poema "Ao meu aniversário", principiando assim: "Fá se vão lustros seis... mais dois anos"... E' o que nos ensina Basílio de Magalhães à pag. 17 de Bernardo Guimarães (embogo biográfico e crítico), onde também, com a Segurança de dados que caracteriza o autor, se encontra a indicação daquelas primeiras, pag. 124.

Monteiro Lobo, no seu "Sete Clínicas Mortas", Lela-se-lhe: "A Vida em Oublition, na cidadela morta. E' um conto (?) de 1908, mas incluído em livro de poesia que o autor d.: "Urupê", ganhou renome, a partir de 1910; e se o incluiu, não modifica esta opinião pitoresca (pag. 18 de "Contos Leves", edição definitiva, 1941):

"No concerto das nossas româncias, onde Alencar é o piano querido das moças, e Monteiro Lobo o sensaborin rebimboso dum flautino piçá, Bernardo é a sanfona. Lé-o é ir para mato, para a roça — mas uma roça adjevitada por menina a Sion, onde os prados são amarelos, os vergéis floridos, os rincões caudiglosos, as matas urtidoras pincarcos *olissíssimos*, os salgueiros sonorosos, as rolinhas meigo-

Bernardo descreve a natureza

"O Ermitão do Muquim" em

tar e reproduzisse as palavras com os qualificativos surrados do meu contador. Não existe nela o vínculo energético da impressão pessoal. Vinte versões que descrevem são vinte perfeitas e invariáveis amenidades. Nossas desejalitadíssimas caprichosas são sempre lindas meninas cor de Janubio. — Bernardo fala-lhe o nosso mato. Onde toda a gente vê jarapatos, pernilongos, espinhos. Bernardo aponta docuras, insetos maravilhosos, flores exóticas. — Bernardo mente. — Mas como mente menos que o Paulo de Kock ou o truculento Ponson, pai do Rumbolho, escolhi-o.

Na sua Oblivion, só existem três livros, que constituiam a biblioteca pública ambulante, assim sede, de mão em mão, "três livros venerandos, encadernados pelo uso, com as capas aulás, conteladas de pingos de velha". Não passou despercebido ao minudente estudioso, que é Basílio de Magalhães, essa tirada a propósito da qual anota à página 141 que "o consagrado autor dos 'Utopés' preferiu a ironia à verdade", constatando-o em aquela, porque a deficiência provém dos olhos ruimânticos, comuns a Marcondo, a Alencar e aos outros. Podia-se lembrar que Bernardo não colava boleias naturais adquiridas nas aspernas penedistas do centro de Minas, mas suas histórias de quilombos, etc.; mas o que importa a esta nota é a ostenta de Monteiro Lobato, para pôr em raiço a posseção de Bernar-

Pertencendo a uma geração posterior à de Ronald, nascida mesmo do modernismo, Antônio de Alcântara Machado escreveu um artigo, *O Jornalista Bernardo Guimarães*, para o número especial dedicado a Minas, *O Jornal*, em 1929, e depois incluiu no seu livro póstumo, *Cavaquinho e Saxe-Lione*, de 1940. Dando toda importância à vida de Bernardo e lhe exagerando a boêmia com aquele gosto pelo caricatural que lhe era próprio, Alcântara escreve sobre a obra, págs. 215-216:

"O mineiro Bernardo Guimaraes é desse cujo nome as versões e as novelas que escreveram só conservam nas antologias gerais ou em menos tolerantes. — A gente apenas se lembra do autor da "Escrava Isaura" nos exames de literatura. Lá de vez em quando um critico também faz o mesmo para citar as fontes da nossa mania nacionalista. Foi um dos iniciadores do romance brasileiro. Cola mais sem sentido. Precursor, quem, mesmo sem querer, abre uma picada, a picada vai e se afunda no mato, vai se alargando, vira estrada aproveitável. O fato de se voltar ao mesmo ponto de partida significa não reação. Continuar o caminho andado é que é ser disciplado. — Ora quem é que continua boje Bernardo Guimaraes?"

E mais abaixo: "Entorno e
compêndios de literatura e
nism em depandurar na peça
Bernardo Galimberti a sanguem
de colobato, notável, descriptiva
admirável, iniciador da novel
pertinacia mais tarde aprimorada
por Alonso Arribas, Bernardo
é coisa morta e liquidada
literariamente".

Quando se lê na pag. 117 de um livro: "E levo mesmo. O braileiro cita demais Castro Alves, E de Castro Alves hoje só fuma cigarro", naturalmente porque existem há dez anos cigarros com o nome do bairro; quando Antonio de Alencar fala Machado diz de Junqueira Freire, pag. 211: "mau ilheu, mau frade e mau poeta" (não era tanto assim...); quando a propósito do centenário do romantismo, o nosso Antonino se entusiasma por um "série de românticos, de começaram a cantar assim quando...".

lhos José Gonçalves de Mello e Alhadez" (pág. 349), para dizer: "Porto-Alegre, Teixeira e Sousa, Otáviano, Macedo, Bernardo Guimarães, Junqueira, Freire, Rabelo e Castro Alves parecia não citar mais e citar os grandes só contribuiriam tanto para a coleção"; quando final 4 pag. 311 se separa uma afirmação assim (não é principalmente o parêntese): "Através do parnasianismo e do romantismo o movimento simbolista entre nós (S. Paulo) a gente não encontraria corrente ininterrupta e nesse fragmentada a que se possa filiar a ásua modernidade"... logo que se percebe que ali está estampada, naquela vasta coleção de artigos e ensaios lançada dia a dia na imprensa, um pecado que foi de toda aquela "geração revolucionária" que podia ter por alugado "Coragem de afirmar destrutivamente", da pág. 320... Só esse aspecto, havia muito que citar no livro ainda. E compreende-se, na atitude do professor Basílio de Magalhães, aquele golpe inesperado de ironia para com o "láz matraqueado moderno" em 1926

Ainda agora, a geração, já menos revoltada, sofre a reação dos continuadores do passado. Mas na verdade houve acomodamentos, aceitações, já nosados pelo Alcanara no seu livro, e pode-se esperar que um novo após-guerra derrame os revolucionários de ontem e de hoje. Esses revolucionários, ou quando menos os entusiastas da língua brasileira, deviam ter engendrado, como em Alcanara, notável, na sua Vila, o jardim municipal de Catalão, em Goiás, em 1853 ou 1855. Homem de 60 anos, José Eloy não se lembra disso; mas nas lembranças de que o tabelião Quincas Pedro e o contador José Marçal, este chefe da Corporação Musical Santa Cecília, já falecidos, costumavam recordar a estada de Bernardo, recordando passagens do *O Garimpinho*, romance documentado nas datas diamantíferas que se estendem dalli para Coromandel.

enxergado, como o Almeida, um precursor em Bernardo, de quem o Bissolati de Magalhães, pág. 143: "Credo que ele não ignorava os mandamentos da língua pátria, pois sabia e ensinou latim, fonte do português. Suponho, portanto, que timbrava em escrever sem acatamento a normas da tiponímia gramatical e outras, ou afim de concorrer dessa arte para a formação do dialeto brasileiro (tão malnascido pela formidável pena de Ruy Barbosa), ou, então, o que é mais provável, para ser mais facilmente lido e compreendido".

Isso contrasta com a opinião das entendidas, que acusam mal o poeta de verdade, a começar pelo Ronald na "Pequena História": "Poeta, antes de tudo".... até Manuel Bandeira em "Notícias de História das Literaturas", pág. 300: "...não entretanto o poeta é superior ao romântica". Na sua "Antologia dos Poetas Brasileiros da fase romântica", Manoel Bandeira incluiu sete poesias de Bernardo, incluindo *o dia das*

estendem dalli para Coromandel, Monte Carmelo, Bagagem (hoje Estrela do Sul), até Catálao.... Que romance!

E que é que tem a situação
atual, ou a que virá, com Bernardo Guimarães? Quase nada.
Continua a não ser Lido pelas elites que fazem os movimentos
literários. Mas a ser Lido...
Monteiro Lobato nem de leve
se importa com a existência



Retrato a óleo de Bernardo Gómez de la autoría do pintor italiano Panetti

ALGUMAS PAGINAS DE

I A uma légua, pouco mais ou menos da antiga vila de Tamandua, na província de Minas Gerais, e a pouca distância da estrada que vai para a vizinha vila da Formiga, via-se, de dia, a lavoura seca, uma pequena e pobre casa, mas a va, riscada e assentada. Uma porta e duas janelinhas formavam tudo, a sua frente, a um lado, por baixo de uma figueira-silvestre, que a sombrinha, toda curva, dava e espalhava ramagem, via-se uma outra janelinha encantada de bafum-tres de maceiros.

Estava esta casinha situada em baixo de uma colina de terra suave, nos pés da qual se encaixava um bosque variado coberto de rasteiro e vicosa capim, e sombreado aqui e acolá por algumas palmeiras e acuapéus.

O vargado era terminado por uma estreita porta, por baixo de cujas molhas despida um correguinho escondia seu curso sereno e preguicoso.

Um estreito caminho, partindo da porta da casa, curvava o vargado e ia através do espelho e o córrego por uma penicilinha de madeira, fechada do outro lado por uma tronqueira de varas. Junto a ponte de um lado, outro do caminho visava-se duas belas e corpulentas palmeiras, cujos galhos, entrelaçando-se no ar, formavam uma linda aréda de verdeza, que dava entrada para além da ponte a um extenso rincão coberto de acuapéus e vistosa pastagem.

Na fundo da valadela, onde ia morrer o rincão, entre duas linhas de espinhos, desenhava-se ao longe em fundo luminoso e pitoresco as casas, os currais e os tutados pomares de uma linda fazenda.

O visitante, que por ali passasse, há cerca de sessenta anos, havia de notar com interesse duas lindas e facecidas criancinhas, que allí vinham quase sempre deslizir-se e transversar junto da ponte à sombra das palmeiras.

Errom um rapazinho de doze a treze anos e uma menina, que parecia ser mais nova do que ele uns dois ou três anos.

A menina era morena, de olhos grandes, negros e cheios de vivacidade, de corpo rabeiro e flexível, como o pendão da imbuia.

O rapaz era alvo, de cabelos castanhos, de olhar meigo e placido e em sua fisionomia, como em todo o seu ser, transduziam indícios de uma índole pacata, doce e branca.

Era por uma bela tarde de janeiro. Os dois meninos, como de costume, achavam-se a sombra das palmeiras. A menina sentada sobre a reva, despeçava um molho de flores silvestres que estava fabricando um ramulhete, enquanto seu companheiro, arrancando-e como um macaco aos galhos das palmeiras, balançava-se no ar, fazia mil passes e piruetas para divertir-las.

Perto deles, espalhadas no vargado, umas três ou quatro vacas e mais algumas reveses estavam tossindo tranquilamente o fresco e vicoso capim da valadela.

O sol, que já não se via no céu, tocava apenas com uma luz de ouro os topo abaulados dos alto espinhos uma arame quase imperceptível mal rumoava peias abas de capim e esvoçava por aquelas baladeiras cheias de sombra e fragulindas.

— Vamos, Eugenio. São horas... vamos apartar os bezerros e tocar as vacas para a outra banda.

Dizendo isto, a menina levantava-se da reiva, e, atirando para trás dos ombros os negros e compridos cabelos, sacudiu do regaço uma nuvem de flores despedras.

— Pois vamos lá com isso, Margarida, exclamou Eugenio vindo ao chão de um salto, e ambos foram ajuntar as poucas

vacas, que alli andavam pastando.

Arranjaram nelas diabos!... que bezerrada modinha exclaimou o rapaz intercalando os bezerros. Porque é que todos bezerros na tribo Umbelina andam sempre aí da tua magia?

— Olha pois o que é que você quer? mande tirar quase todo o leite das vacas, e deixa um pinhamento só para os poderes bêbados. Por isso mesmo quase nem voltaria elas aqui podia virar, e elas que escapam quando vêm de loco.

— E por que é que elas não levam a tua bezerina? Aquela vermelha estávamos bem bonita para viver...

— Quê!... não ve que elas me dão... e eu que tenho tanta vontade de ter também a minha vacaquinha! Ha que tempo Dindinha prometeu de mandar uma bezerra e ate hoje estou esperando...

— Manha... ora!... e por que elas se esqueceram... deixáramos que eu hei de falar com elas... mas não, eu mesmo e que hei de te dar uma novilha piolhada, muito bonitinha que eu tenho. Assim como assim, eu tenho de me ir embora mesmo que quero eu fazer com elas?

— Como é isso?... exclamou Margarida com surpresa. Pois voce valeu embora!

— Veja, Margarida; pois você ainda não sabia...

— Eu não; quem me havia de contar? para onde e que você vai, exijo?

— Vou para o estudo. Margarida; papai e mãe mandaram querer que eu vá estudar para padre.

— Deveras, Eugenio... ah! meu Deus!... que ideia!... e muito alegre esse estudo?

— Eu sei lá; elas estão falando que eu vou para Congonhas.

— Congonhas!... ah! já ouvi falar nessa terra; não é onde moram os padres santos?... ah! meu Deus! isso é muito longe!

— Qual longe!... tanta gente lá tem ido lá e vem outra vez. Minha já mandou fazer batina, sobrepeliz e barrete e tudo. Quando tive que ir pronto, eu hei de vir as vestidas do padre para você ver que tal ficou.

— Tomara eu ver já!... você há de ficar um padroeirinho bem bonitinho!

— E quanto eu for padre, você há de ir por força ouvir a minha primeira missa, não há de, Margarida?...

— Se hei de!... e também mal uma coisa, que eu hei de fazer... advinha o que é...

— O que é?... fala.

— Manha costuma dizer que eu já estou ficando grande, e que daqui a um ano bem posso me confessar, e para isso anda me ensinando doutrina; mas eu não tenho ânimo de me confessar a padre nenhum... Deus me livre ter um medo... uma vergonha... mas com você e outro caso, estou pronta, e por isso não quero me confessar enquanto você não for padre...

— Está dito, Margarida; prometo que há de ser você a primeira pessoa que eu hei de confessar; antes disso não confesso pessoa nenhuma, nem huma destas vida; eu te juro, Margarida.

— Muito bem! muito bem! está dito. Agora me conta, Eugenio; quando é que você vai se casar?

— Era para o mês que vem...

— Ah! meu Deus! pois já tão depressa! e você não há de ficar com saudade de mim?...

— Se fico!... muita, muita saudade. Margarida! quando penso nisso fico tão triste, que me dá vontade de chorar.

— E eu, pobre de mim!... como vou ficar tão sozinhal com quem é que eu hei de brincar daqui em diante?... não sei como há de ser, meu Deus!...

Os dois meninos pararam e com a fronte pendia para o chão guardaram silêncio por al-

guns instantes; aquelas duas frontes tão pálidas, aquela ha pouco tão radiante de prazer e de inocência, naia primeira vez se anunviaram de uma pequena sombra de tristeza.

Era um primeiro e triste vapor, que mudou rapidamente o esceno maior da américa da vida; mas esse leve vapor bem poderia convirte-se em ameaça e carregava nascença prima de desgraças.

Existe quem avisa-nos-las. A sabedoria do crepusculo, a lâmina de incerteza, a neblina de vez em quando, a névoa da vida, que hoje me quebra as carnes como a túnica de Nossa. A imprensa de um sôcio, a voz de um sermão, se teria evitado eu nascido, como tantas outras que não puderam descobrir de meu coração uma poluição que eu não me suspeitei, e que com ele... desgraçado de mim... em vez de desgraçado... que com ele teria de morrer.

Margarida, pobr Margarida!... tem tanto de boa, pura e leal, como de formosa, como de infeliz... nem nos mais exaltados sonhos de fantasia, eu imaginei justa do tesouro que eu trouxe por uma curta vida de martirio, que não tenho força para suportar... meu Deus, eu em ordego... Margarida!... meu Deus!... meu Deus!... meu Deus!...

Os meninos, quados e taciturnos, olhavam em profundo de tristeza. Pela janela ver elas saudosas, ansiando de um leve toque de incandescência, pairavam sobre aquelas frontas infantis. Dir-se-lhe que inquietavam. Dir-se-lhe que inquietavam os vagos rumores da solidão ao despedir-se do dia estavam ouvindo o derradeiro adeus do genial prazerente da maternidade, e que no fundo clarão resso que atingava ainda a ória extremo do ocidente, entreviam o último sorriso da aurora da existência.

Foi Margarida quem interrompeu aquele triste silêncio.

— Meu Deus! exclamou ela o que estamos aqui fazendo embaixando? ha que tempo o sol entrou, Eugenio está ficando de muito tarde. Vamos!... vamos... toca as vacas.

E quebrando um ramilho, a menina passou-a tocar as vacas. Ela! Dourada!... eis! Mísera!... Duqueira!... eis!... eis!...

Eugenio correu a abrir a pequena tronqueira das vacas, que ficava além da ponte. Apararam os bezerros e passadas as vacas, Eugenio tornou a fechá-la, e passando um braço sobre o ombro de Margarida, e esta enlaçando com o seu a cintura do companheiro, foram voltando calados e ainda debaixo da mesma impressão de tristeza, tangendo diante de si os bezerros até a casa de Umbelina, que ficava ali a uns quinhentos passos de distância.

Tendo prendido os bezerros em um pequeno curral, Margarida recolheu-se a sua casa. Eugenio, entrando o caminho por onde vier, ganhou de novo a ponteinha e a tronqueira, e desfez-se a correr pelo riacho a fora, dirigindo-se para casa de seu pai, que era a fazenda de que já falamos, e que ficava como a meia légua de distância.

XXIII
O padre Eugenio entrou em casa com o cérebro a arder, e com o coração aciudado das más violências agitadoras. De coração mole e extremamente impressionável, não tinha força para lutar contra a tempestade medonha que dentro dele se suscitava.

Como piloto fraco e inexperiente que se perturba e desorienta em presença do perigo, arrependia-se mil vezes ter tomado o timão, tão superior às suas forças, de uma tan pulsante destinada a afrontar mares tão tormentosos. A tensura sacerdotal era uma coroa de espinhos, que se lhe enterrava no crânio, e lhe arrancava bramidos de desespero.

Exasperava-se contra a mente de que seu vai, de certo de conveniência com os padres de Congonhas, se havia prevalecido da sorte de determiná-lo a tomar ordens.

— Para que remelhante encontro!... disse ele ao padrinho que ia com ele para casa, e como a pessoa a quem tinha ido

consigo. Que idéia infernal de confessar, respondeu imediatamente:

— É uma rapariga que não conheço... não está casada. A moça é de dela, mas é uma clara de que não é nenhuma.

Como seus pais, respondeu e começou a se lamentar com a paixão e excesso de tristeza, para subtrair-se a sua dor, e percebeu, apesar de seu desespero, que não havia mal e razão, e que o pretexto de casar com Margarida era

— O padre está mal, mudado, disse a amiga, e deu-lhe a seu marido, logo o sacerdote se retirou. Ele só quis alguma coisa que não fosse querer... querer Deus!... — Querida Deus o que é?

— A serpente, sib... serpente!...

— Ora, senhora!... dessas abusivas... poisa um homem, um padre... um sacerdote... nem sempre a gente é crianca.

— Querida Deus!... — Querida Deus!

Eugenio estorcia-se em febre agitado, e quase delirava. A paixão que julgava já não ter mais que uma triste recordação, uma dolorosa desilusão do passado, não se tinha extinguido de debaixo das vestes sagradas do sacerdote. Era essa paixão como o arbusto, que a greda despojou das folhas, e mirrou-lhe os galhos, e parece estar morto para sempre, entanto que o tronco e a raiz, cheios de selva e vitalidade estão prontos a germinar com novo vigor e galhardia ao primeiro bafejo da primavera.

Ou antes era como fogueria, cujas chamas uma chama glacial havia apagado. Ficou intacto todos os materiais, que já secos e quase calcinados, esperam apenas o contacto de uma centelha para de novo se inflamarem com fúria irresistível. A vista de Margarida resplandecente de beleza e dos mais voluptuosos encantos do corpo, a certeza de sua fidelidade, aquele ligero roçar de lábios, filtro fatal, que lhe couve nas veias o delicioso veneno da voluptuosidade, foram contagiadas vivas, que em um momento puseram em horrível conflagração a paixão, que há tanto tempo adormecida aparecia estar morta no gelo do mancebo. Uma nova tormenta, mais paurosos que as precedentes, ameaçava fazer sobressobrar a virtude do jovem conobiata, levando de roxo o frágil dique a tanto custo erguido pelo acerto. No tempo adormecida aparecia estar morta no gelo do mancebo. Una nova tormenta, mais paurosos que as precedentes, ameaçava fazer sobressobrar a virtude do jovem conobiata, levando de roxo o frágil dique a tanto custo erguido pelo acerto.

Não era já um reflexo da infância, desse sereno amanhecer do amor entrelado nos veus canidios da inocência. Não era também a paixão juvenil com suas recordações sonhos e ardentes aspirações de felicidade. Era tudo isso, e mais alguma coisa ainda.

Eram os instintos sensuais longo tempo sopitados, que em uma organização vivaz e vigorosa despertavam com império irresistível. Era uma sede voraz de gozo e voluptade, era uma febre, era um delírio. O demônio da luxuria acendera nas chamas do inferno seu facho furioso, e com ele se aprazia festejar, e sentir-se com certo esmero e festejar como noiva, que se preparava ser conduzida no altar.

— Ah! Margarida!... — Margarida! quem tem aí de saber Deus se estas aguas e vais morrer sem contigo e meu dever lá ir... que preciso recuar de uma morte... é uma deshumanidade, uma残酷idade abominável... exa... a morte morrer no desamparo... e vigiar não está... que remedio tenho senão socorrerla?... ah! quem sabe se j... sera tarde!

Pensando assim o padre se encaminhou ora vagando e irresoluto, ora a passos precipitados para a casa de Margarida.

E assim que o passamento pousado na grama da ante-sociedade fascinado pela serpente, que recuava no tronco fika nels os ôlhos pequenitos, hirta de humor e solitário pôs-se a andar em círculo descerendo de ramo em ramo meter-se na garanta encarneado do hediondo mato.

Margarida, depois que Eugenio saiu na véspera, havia ficado encimada em um deitado de felicidade, e graças a esse sono reparador amanheceu melhor, se bem que um tanto descorada e abatida. Isto não denotava que o sangue lhe corria mais calmo e tranquilo pelas artérias. Sentia-se ligeiramente aliviada, que parecia-lhe ter voltado ao gozo de perfeita saúde.

Levantou-se alegre e tranquila; penteou seus negros e compridos cabelos, plantou entre eles um botão de rosa seu enteito favorito, e vestiu-se com certo esmero e festejar como noiva, que se preparava ser conduzida no altar, como vítima, que se oferecia para o sacrifício. Mesmo abatida como se achava, não havia fascinante de beleza. Tinha nos olhos uma luz tão languida e quibrida, na boca uma expressão tão voluntária, os dentes um tanto desbotados. Tinham um matiz de lombo branco e delicioso, o colo e os braços, assexuados, eram de carne fresca e mimo de encantos, e custo se perdesse que aquela moça estava precisada de

— Entrando em casa Eugenio quis ver pessoa alguma afim de esconder a perturbação que o agitava, e como a noite já ia avançada, recolheu-se sozinho ao seu aposento. A noite passou-a entregue às mais horríveis tribulações. Ora rezando com fervor, pediu a Deus forças para afastar o temor de um terrível tentação que o assaltava, ora desalentado entregou-se ao delírio da passione, chorava, rugia, blasfemava. No dia seguinte perguntou-lhe seu pai quem era, e como a pessoa a quem tinha ido

"O SEMINARISTA" - Bernardo Guimarães

escutas, extensas da religião. Quando Eugenio entrou, Margarida estava sentada sobre a cama com o colovelo sobre o travesseiro e a mão na face. O padre subressaltou-se violentamente e ficou tranquila e ligeiramente vestida.

— O que é lá, santo Deus... exclamou com voz severa; não havia encontrar nenhuma enfermidade no leito de agonia, e o que estou vendoi... estaria contando comigo por ventura, senhora Margarida!

— Eu souber com o senhor padre julga-me capaz disser imediatamente a moça em tom de voz tão mengo e invidioso, que direi arrolho de pomba, que dentro do manto ataga o coquinho.

— Então que quer dizer essa maledicência, essa enfeite, essa voz esse rosto que parece tão entediado e cheio de caude?

A emenda do padre a pulhou: a moça se havia traçado por um vivo encantado, que lhe pintava as faces, e seus olhos brilhavam com brilho desconsolado.

— Achou-me melhor, e verdade, respondeu, não estou sentindo agora grande incomodo, mas não sei porquê, me diz a senhora, que metas ditas estas contadas.

Não creia tal, minha filha, fico e pinta círculo; e um capricho da sua imaginação. Mas entendo, seja como for, não é por permissão de desconfiar-me mais tempo a sós no quarto de uma moça, que parece estar ao alto de perfeita saúde.

Ademais, senhora Margarida.

Ah! não, pelo amor de Deus não se va ainda temia pressentir com esta pobre infeliz.

A moça proferiu essas palavras com acento tão lemo e suplicante, e fitando no padre um olhar repassado de angústia, que este sentiu-se comovido e voltado ate as selas-dalma.

— Ah! não! um olhar temo e

e a contemplação

de uns instantes suetos,

Margarida exclamou por

que não sabes quanto pena te-

veis... mas...

Mas não se vi encara ainda nenhuma piedade de alma... ou que tal dia tão bonito para

— Dizem que a morte quando chega faz a gente sentir dor de repente e depois...

E' a última visita da

que se despede para

... Há de ser isso, não

este morrer desamparado.

A morte há de me ser tão

certo, se eu morrer junto de ti.

Lamentável...

Margarida... murmurou

e riu suspirando e sentando-

me deitada.

Eugenio... como eu sou

que em poder recordar conti-

antes de morrer aquela

horta tempo de nos a memori-

zarmos...

Margarida, para que recor-

der agora uma felicidade que

houve pode mais voltar!

Pode... por ventura não

estamos juntos?... era tua

fraterna naquele tempo: agota

tu és padre, e eu ainda sou

uma moça e quero morrer nos

teus braços...

Cala-te, Margarida... ai

de mim... é agora que avalia

a felicidade que perdi.

Ah! perdes, perdão, meu Deus!...

eu blasfemo intercomponho-me

o padre batendo com a mão nas

costas.

— Não perdeu nada; replicou

Margarida com melancolia,

ganimoso muito; estas mãos foram

feitas para o altar... como são

suaves e bem feitas!...

Enquanto assim a moça toma-

Eugenio, e os beijava não com

o respeito devido a um padre,

mas com toda a ternura e ar-

doce febre da paixão do con-

vento daqueles lábios mórbidos e

frímentes Eugenio sentiu uma

estranha vibração agitar-lhe

o corpo e o filtro delicioso

da voluptuosa coar-lhe até o amar-

or do coração. Assustado, le-

vantou-se bruscamente, e ia a

sair de carreira pela porta a torrente da fatalidade que o ar-

fora, Margarida o deteve pelo

braço.

— Por quem é, não vá emodo, disse-lhe com súplice ter-

nura.

O padre não insistiu; reden-
do a sua fatal fuscação, tor-
nou a sentar-se junto de Mar-
garida. O corpo lhe tremia to-
do, a fronte gotejava suor em
bagas, e os olhos lhe desmaia-
vam trouxeram em largos vul-
pitudos.

— Margarida... aqui es-
tou, murmurou com desdém;
Mas... anjo meu... tem po-
dade de rir... lembra-te que
ou padre...

— Que importa... eu sou
uma irmã... queria abraçar
meu irmão antes de morrer...

A moça pôs as mãos ambas
sobre os umbrais do padre, e
fitou-lhe o rosto com um olhar
e um sorriso, que resumiam um
longo poema de amor. Os olhos
a uníndios nadavam-lhe em
efusões de ternura, e o batente
tépido e suave escondia-se por
entre a rosa dos lábios entre-
abertos, afagava as faces do
marceneiro. O chale em que se
envolvia, tinha-lhe escapado
dos ombros, e os dois punhos
molhos cobertos pulavam-lhe no
solo inquietos e ansiosos como
duas rolinhas implorantes que
foressem por salvo do ninho.

No quarto de Margarida re-
nava uma linda trouxa, que entra-
vra por uma janella e empan-
hava; o ar estava impregnado
do aroma inebriante das flores,
que ornavam a mesa. A
velha tinha saído, e naquela
casa só se achavam os dois.

Margarida encostou a cabeça

ao ombro de Eugenio; este en-
volveu-a em um braço.

— Um momento de supremo
felizidade... depois o inferno!
que importa...

Este brado de blasfêmia que
excluiu-se do coração do padre,
susurraram-lhe apenas pelos lá-
bios.

Abaixo ardente da paixão
sexual na alma de ambos se
havia apagado o lume da razão.

XXIV

No dia seguinte, que era dom-
ingo, o padre Eugenio tinha
de dizer a sua primeira missa
na vila de Tamandua. O dia fa-
zia uma grande festa, e que
havia convocado a milha gente
ao largo de repasto para o
tempo e prazer para a família, e
de grande expectação para os
milha habitantes. Depois da
missa um jantar surpresa-
va os convidados.

Muitos parentes e amigos da
família de Antunes, que ti-
nham batizados e casamentos
a fazer, estavam esperando pela
missa do padre Eugenio, quer-
endo ter o gosto de ver essas
cerimônias ministradas por
aos pais.

Portanto o padre teve de
apresentar-se na igreja muito
antes da hora da missa afim de
ter tempo de celebrar essas ba-
tismos e casamentos.

Quando o sacrifício padre en-
trou no templo, dizem que os
sinos, sem que ninguém os ta-
ches, deram badaladas fúne-
bres, e que um tufo, escancrando
a porta interior do fron-
tispício, entrou pela nave e
apagara a lâmpada do santi-
ário e sombrios.

Sinistros pensamentos lhe
ondeavam desconcentrados pe-
lamente agitada, como nuvens
que se despediam por um céu
tempestuoso ao sopro rijo das
refreiras.

Precipitado do alto de seu
elegante e austero aspeto, no
momento da fraquezza, o espírito
do padre tombou em outro
abismo mais fundo e talvez
mais degradante. Atacado pelo
remor, de vergonha e des-
esperança, juntando-se perdi-
do sem remedio e para sempre,
entregou-se de corpo e alma à

O padre olhou para ele em-
patado e sem dizer palavra
continuou a paramentar-se.

A missa do padre novo que
gozava de uma grande nomea-
de de sabedoria e santidade,
ainda seja! será um padre sacer-
doto, um padre infame, econ-
tando outros, que todos os dias
profanam com más impuras os
votos do altar e a hostia sacro-
sa. Era essa a sua fatal
que 3-sde o berço me estava

fadado... Margarida não mor-
re, o que a atormenta, não
é mais do que uma deplorável
apresença... O seu não quis
que eu fosse seu esposo, o infer-
no me fez seu... que horror,
meu Deus! que abominável sa-
cerdócio... mas... lá agora
que hei de eu fazer... eai está a
fundo do abismo, donde nenhuma
mais poderia levantá-lo! Ah
celibato!... terrível celibato!

Ninguém esperava confrontar

imediatamente a ira da natureza

ou o céu das tempestades, nela

que se achava no topo do

império fatal...

Amenas o padre tinha acaba-
do de fazer uma breve oração

no altar do consistorio, quando

a ele se dirigiu uma pobre vi-
lha e lhe pediu pelo amor de

Deus para fazer a encoradaria

ao seu endereço que se ia dar

a sepultura, e que se achava na

porta da igreja.

O padre ficou transtornado de

horror, atento a esse triste

acontecimento. Um súbito

remor agitou-o, e o

padre sentiu-se imediatamente

enfurecido, e gritou:

— Margarida! Margarida!

— Margarida!



Otro retrato de Bernardo Guimaraes. O escritor, quando em sua plenitude

COMBATE COM OS CHAVANTES

Nas margens do grande rio Tocantins, que banha o norte da província de Goiás, e recendo an Araguaia, rui como que das muias as reis dos rios para entrar de porto com o oceano Atlântico, habitou uma nação indígena das mais ferocias e indomáveis que se conhecem, ainda que também uma das mais valentes e invictissimas. E' a nação dos Chavantes, que dominava uma larga zona em amolas as margens daquele rio, cuja navegação tornava extremamente difícil e perigosa para os europeus. Sobretudo na época a que nos reportamos, o seu nome era o terror dos habitantes de Goiás; ninguém ousava penetrar nequelas serras desconhecidas, infestadas por esas e outras trios selvagens, que muitas vezes saíam do fundo de suas densas florestas a exercerem horrores maléficos, estragos e destruições nos establecimentos e fazendas dos brancos. Algumas dessas expedições, que se organizavam com o nome de bandeiras para rechaçá-los ou exterminá-los, voltaram descomindadas e destruídas, sem nada ter conseguido. Menos decess que os Caupés e os Coroados, que já se iam submetendo ao alicetamento e catequese, os Chavantes mal conheciam os brancos, com quem não queriam relações alguma e que saíram do fundo da alma.

Quatro ou cinco anos depois dos tristes acontecimentos que deixaram rastros a noite passada, uma numeosa tribo daquela nação iria estabelecer-se no território esquerdo do Rio, algumas decenas de léguas abaixo de S. João do Tocantins, pouco mais ou menos nas redílias onde é hoje o município de Palmas.

Esse encantamento era uma longa fila de "labus" ou cabecinhas coloridas de palmas de coqueiro, disseminadas em pilares desordenados, ao longo da margem do rio, em uma extensão de cerca de meia légua, como um bando de aves aquáticas pouladras à beira da forteza.

Era uma bela e calmosa tarde de setembro. O índio naturalmente preguiçoso, porque para prover as necessidades da vida simples que leva, em meio dos desertos, não precisa de reparar a terra com seu suor desde o nascer; ali o por do sol, nessas horas de calma íntima, sobretraiu, entrepa-se à sua natural indolência, e dormiu-se ou divertiu. Uma turba de meninos de ambos os sexos, entre alegres e tristos, passinhava na água, a terra no Rio, nadando, transeando-se na alegria de nadar, tão necessária ao selvagem. As mulheres, aseadas em diversos grupos, à sombra da congeitação ou do céspede secular, eram encantadoras suas criancinhas, outras felizes, por paralelepípedo, esticadas, redemoinhando cabazes de roupas ou de pálidas de esquecimento; outras, deitadas em suas redez deliciosamente tecidas de fios de lucum e enfeitadas de penas, embalaravam-se indolentemente, olhando as nuvens e passarem pelo céu, ou as águas do Rio a correr silenciosas. Os poucos homens que nessa ocasião ali se achavam, poucas estavam pela maior parte dispersos pelas matas, no longo do trajeto do Rio, ocupados em cogodá e pescaria; uns assavam peixe, ou maquaram um lanche, um latu ou uma pacá em foguetes, usados assim formadas fogueiras. Outros conservavam suas armas, ou falhavam arcos e flechas, e o aparelhamento de vistosas penas; um outro, deitado às costas no círculo, e esticando o areco com os pés, se divertia em mandar as nuvens uma flecha e vi-la voltar e cruzar-se no mesmo lugar donde partira; outros estavam, nadando desoladamente, querendo, talvez, dormir a ressa, ou desfrutarem passar o tempo.

querendo fazer, devinhão a respeito de certas posses, o tempo de tremer, outvir-se de uma das extremidades do arredal dos índios uma gritaria tremenda, que se foi propagando e escorrendo por toda a aldeia. Os meninos saltaram ligeiramente para da água e correram a se amotar nas ladeiras, as mulheres largaram suas tarefas e olhavam espantadas para todos os lados; os homens levantaram-se rapidamente, com as armas na mão e acudiram ao ponto onde começava o alarme. A causa daquele grande alarme e celeuma era um homem de aspecto estranho, vestindo um vaste capote, rinha montado em ghealo.

A figura é os Trajôs já esforçados desse homem causaram grande estranheza e espanto aos selvagens. Trajava um grande gibô de la grossa apertado com um cinturão de couro de onça, ar qual se prendia uma comprida faca com rodo e bainha guarnecida de prata, calças de algodão e pernachas de couro de mateiro; trazia a barba mal comprida e sobre os cabelos pretos e anelados, um pequeno chapéu de sola. Pondo que sua fez, naturalmente morena, entressse tancada ainda pelo nº 87, e ricasse armado de arco e flechas, os selvagens apenava e aplastavam, gritaram: — Imboaba! imboaba! — e essa palanca odiosa, pas-

sando de boca em boca, em uma imensa vozaria, repercutiu como um eco pelas ribanceiras do Tocantins.

O ultríssimo canoete ouviu toda aquela algazarra e logo compreendeu o iminente perigo que o ameaçava; porém, já lhe não era possível recuar, e continuou a vogar, procurando artilhá-la o mais possível do borrance oposto às habitações dos índios, esperando assim poder escapar a sua banha e passar incólume. Mas a largura do rio não era suficiente para pô-lo a salvo de suas flechadas, e apenas achou-se em frente da aldeia, uma nuvem de flechas roça assobiando sobre ele, mas o destro urens furioso, deslizando-se imediatamente no fundo das canoas e amparando-se com o seu largo remo, nem de leva foi tocado, antes achou-se provido de grande multíplice de flechas, de que tinha presidio, e que lhe iam ser de grande utilidade. Restava-lhe logo uma, e varou um rão, que ladrava na praia; uma segunda avançou-se no braço de um indígena; uma terceira levou a orelha de outro. E o afôto estrangular, entrincheirado no fundo da canoa e fazendo escudo da larga pô de remo, ia deslizando-sa e salvo, pelo torrente aberto e fazendo estragos na linha dos inimigos com as armas que estes mesmos lhe forneciam. Felizmente para ele, não tinham os selvagens ali à mão, naquele momento, uma canoa sequer. Mais algumas flechadas felizes do arco do intrípido canoete caíram sobre os índios e acabaram de os pôr em fúria. Vendo que com as flechas não era possível ofender o imbutido, lancaram-se alguns sobre o rão, armados de facões e dispositos a ir a nado atacar a canoa. Fuzil seria ao canoete escapar à força de remo, se a multidão de flechas, que continavam a chover sobre a canoa, não o impedissem de remar, dando-lhe apenas tempo de resguardar-se de seus tiros e descurchar de quando em quando uma ou outra flecha.

Já dois robustos nadadores, com o leopardo nos dentes, estavam a poucas braças da canoa; um deles, enjato, a alcançou e lançou a mão à borda. O canoete, porém, a sorte imediatamente de um só golpe, com sua grande face de moto. O índio, dando um grito horrível à dor, desapareceu, deixando um ruído ensanguentado à flor da água, e surgiu instantes depois mais obviamente à mercê da corrente, enquanto os peixes, saltitando, dissipavam entre si a mão decepada. O outro índio, vendo a sorte de seu companheiro, não se atreveu a atacar a canoa e afastou-se; os maiores, que se tinham lançado ao rio, também não ousaram aproximar-se, temendo o mortífero puma dasque formidável face. O forestiero, por um momento, jupou-se salmo e fôr de perigo. Mas, eis que de súbito dâ com os olhos em duas canoas enfileiradas de índios, que surgiuam da volta do rio, engrandecendo águas acima, a todo remar.

Era uma turma de indígenas, que estando a pescar pelas proximidades, tinham ouvido o avisoado que havia nas tabas, julgando ser algum perigo, acudiram em seu socorro. O concretor viu que a sua situação era desesperada e sua morte inevitável, e que seu único recurso era morrer como homem, combafendo até o último alento.

A força de audácia e de esforços desesperados, conseguiram encostar a canoa do barreiro oposto, tomou à pressa todas as suas armas, saltou em terra e embrenhou-se pelo mato, não parecendo escapar aos selvagens, pois bem via que seria uma tentativa inútil, mas para escotchar um lugar onde pudesse defender-se por mais tempo e render mais cara a sua vida. Os atântos, em número sempre crescente, saltaram na água e ultrapassaram o rio, os das canoas também se aproximavam rapidamente. O fornalte bem compreendia que qualquer resistência seria inútil, mas não era homem a deixar-se capturar como uma ovelha, e preparou-se para combater o último frenze. Depois de ter-se entrincheirado cerca de uns duzentos passos por um mato espesso e emaranhado, abrindo caminho com a faca por entre incuticular e cipó, escolheu posição para fazer frente aos inimigos juntando um corpulento tronco de peroba, que lhe oferecia formidável barreira. Por detrás desse tronco estendeu-se um espesso e impenetrável tubocai, que lhe protegia a retaguarda.

Ali encostou todo o seu arsenal de armas, que consistia em um arco com algumas flechas, uma grande faca, uma faca pequena, uma pistola de dois canos e uma espada cortadoura com os últimos cartuchos que lhe restavam; e que de propósito reservava para ocasiões difíceis. Ali resolveu-se a resistir até os últimos, aos seus seixugos adversários.

Estes, segundo a batida que o estranheiro ia fazendo com sua pequena foice, em breves chegaram a descorri-lo e logo trouxe-se entre eles o combate mais lementoso e desigual que pode conceber. As flechas dos índios som-se cravas no treco por trás do qual o imboado se atirava, ou entravham-se pelas tabocas, onde se perdiam silvacos. Arancando um a um, pelas estreitas picadas praticada em um mato cerrado e arroxeadas de taquaras e cipós, os selvagens iam caíndo também um a um, ate que certeiro ao aventureiro, que não perdia uma so flecha nem um só tiro, aquela em quem fazia a mira cada instantem, ou morto ou gravemente ferido. Os selvagens, cujo número se instante a instante se aumentava, ultravam-se furiosos para o treco por trás do qual se defendia aquele homem ferido, e com a coragem do desespero, poriam, na confusão com que se precipitavam, cairam uns sobre os outros, embarracados em ruas, tódas de cipós e matos enraizados que obstruían aquele impasse.

Nada mais terrível do que a onça, quando, sendo mal atirada, se precipita sobre o tronco em que é acuado pelas caídas assentando-se sobre os quadris, ressentindo e apertando os agudos e monstruosos prensos, e a cada bote que dá com as formidáveis patas, alçabota e esmagão um tén, e em poucos instantes se irá rodeada de um lustro de cadáveres. Pois assim estará aquela sanitudo atenazadora, cravando e arrancando o granel ou imprimâncias veláceas que usurava, arruinhar-se-lhe. Errei, já transidas as terror superfluias, pronunciado que não combatiam contra um homem, mas contra algum espírito ou ente sobrenatural sentiu-se levar-lhes a coragem e conseguiram a recuar o pato.

O estrangeiro já tinha devorado todas as suas armas e despediu todas as suas flechas. Este último combate portanto, foi dado corpo a corpo, sobre radiculares e em um banho macabro de sangue. Ainda que extremamente julgado e tido como vencedor, o forestiero ainda deu deus que fuser a seus adversários. Um golpe de facape descarrapado sobre o nuca o fez titilheur; outro imediatamente lhe desvencilhou, e Clancalo pulou que era ele, caiu sobre um lago do sangue por ele mesmo derramado.

("O sumiço de Muowey").

A figura de

Era nos primeiros anos do reinado do sr. D. Pedro II.

No fertil e opulento município de Campos de Góis, na margem do Paraíba, a pouca distância da vila de Campos, havia uma linda e magnífica fazenda.

Era um edifício de hume-
riosa propriedade, vasto e lu-
xuoso, situado em apro-
ximado, no sopé de elevadas
colinas cobertas de mato, em
parte denudadas pelo machado
do lavrador. Longe, em direcção
à natureza ostentava-se viva
em toda a sua primalidade e silen-
tice rudesca; mas por cima
tinha convertido a dionça sela
que cobria o solo em jardins
e pomares deliciosos, em vio-
los premados e pingues paulin-
gens, sombreados aqui e ali
por gumeleiros gigantescos,
robas, cedros e copáias, que
atestavam o vigor da exuberante
floresta. Quase não se via um
muro, cerca, mato, valado, jardim,
horta, pomar, pastagem ou
plantios circunvizinhos, divididos
por riachos e terrenos
jantes sebes de bambus, pite-
ras, espinheiros e gravatas que
davam ao todo o aspecto de
mais agradável e delicioso
oasi.

A casa apresentava a fachada
às colinas. Envoltória se nela tomava
um lindo alpendre todo enfeitado
de flores trepadeiras, no qual
se subia por uma escadaria
de canteira de seis a seis degraus.
Os fundos eram ocupados por
outros edifícios acessórios, tan
estilos, páticos, currais e celeiros,
por traz dos quais se estendia
o jardim, a horta e um
intenso pomar que ia perdendo
no horizonte da vila.

na barraça do grande río.
Era uma linda e calma tarde de Outubro. O sol não estava posto e parecia bocanear no horizonte, suspenso sobre um leito de espuma de cores cambiantes, orlados de ferraz de ouro, virgém, saturada de palmeiras e eflúvios, se expreguiscendo em longo po das ribanceiras, acordando apenas fracos rumores da copa dos arrodeos e fazendo farfalhar de leve o topo dos coqueiros, que se miravam desmosadas nas águas turvas e tranquilas da ribeira.

Corria um dele tempo; e a
geloção, reanimado por mui-
raduras chupas, estentura-já-
ca, ligosa e luxuriante; a qua-
lo rio, ainda não turvado pelas
grandes enchentes, nado com maestosa lentidão.
Nelha em cada uma a pureza e os
plêndidos coloridos do horizonte
e o nítido verde das densas
florescências. As aves, de-
repousadas as asas, fagajadas e
contínuo voejadas pelas prou-
pradas e balzeado risóculos, em-
mecaram a prelúdio seu con-
tos respeitinos.

O curão do sol poente pata sorte abraçava as edificações do esólio, que este parecia estar sendo devorado pelos ramos de um incêndio intenso. Entretanto, quer no interior quer em redor, reinava no silêncio e perfeita banalidade. Bous truculentos e micos nordestinos, decladas pelo maior, ruminavam tranquilamente a sombra de alles transeus. As uvas domésticas prazeciam em torno da casa, balançando suas espigas e empinando suas caudas, que vinham por si mesmas procurando os currais; mas não se curvava, nem se dirigia para nenhuma figura humana. Paus que ali não se achava interrompiam algum. Somente as vidaceiras, regadas por um grande jardineiro de frente e os dentes da porta da estrada, alertos de permanecer denunciavam que todos os habitantes daquela淳ilhosa propriedade se achavam ausentes.

A favor desse quase silêncio harmonioso da natureza via-se distintamente o haver de um piano cantando-se a voz de mulher, voz melancólica, opalizada e do brilho mais puro e fresco que me de impressionar.

Isaura - Isaura

A "ESCRAVA ISAURA" UM PANFLETO POLITICO

o canto tinha uma vibração sonora, ampla e volumosa, que revolvia exultante e vigorosa organização vocal. O tom velado e melancólico da canção parecia gemido suavizado de uma alma solitária e sofredora.

Era essa a única voz que quebrava o silêncio da noite e tranquila risada. Por fora tudo parecia escutá-la em mistério e rojundo reconhecimento.

As vozes que cantava distiam assim:

Desde berço respirando
Os ares do escravidão,
Como semente lançada
Em terra de maldição;
A vida passo chorando
Minha triste condição.

Os meus braços estão presos,
A ninguém posso abraçar.
Nem meus lábios, nem meus
olhos
Não podem de amar falar;
Deus é Deus um coração
Somente para pensar.

As ar livre das campinas
Seu perfume exala a flor,
Canta a aura em liberdade
Do bosque o alado cantor;
Só para o pobre cativa
Não há canções, nem amor.

Cala-te, pobre colo,
Teus quinquimes crimes são,
E uma afronta esse canto,
Que exprime tua alegria;
A vida não te pertence,
Não é teu seu coração.

As notas sentidas e muirosas
daquele cantor, escapando pelas janelas aderidas e escondendo ao longe e em degrau, dão vontade de conhecer a secretaria que tão fundamente canta. Se não é secreta, somente um anjo pode cantar assim.

Subimos os degraus que comparam ao pendente todo enginaldo de vigorosas festões.

Linhas flores que servem de vestíbulo ao edifício. Entramos sem cerimônia, logo à direita do corredor encontramos aberta uma larga porta que dá para a sala de recepção, vasta e luxuosamente mobiliada. Achou-se ali soturna e sentada no piano uma bela nobre figura de moça. As linhas do perfeito desenham-se distintamente entre o ébano da coixa do piano e os vastos matices ainda mais negras do que o céu. São tão puras e suaves essas linhas que fascinam os olhos, entram a mente e paralisam toda audição. A fez é como o marfim do tecido, algo que não desvenda, embalada por uma nuvem delicada que não saberia dizer se é leve palidez ou cor de rosa desmaiada. O colo, doce e o mais puro favor, sustenta com graca inigualável o busto maravilhoso. Os cabelos, soltos e fortemente ondulados, despenham caracolando pelas ombros em espessos e luxuriosos rolos e como franyas negras escondiam quase completamente o dorso da cadeira a que se achava recostada. Na fronte calma e lisa como mármore polido, e lhe do círculo estavam um roseo e suave reflexo; delineias misteriosa lâmpada de alabastro guardando no seu diajano o jogo celeste em inspiração. Tinha a face voltada para as janelas e o olhar vago penetrava-lhe pelo espelho.

Os encantos da penitente cantora eram ainda realçados pela simplicidade, e diremos quase poesia da modesta trajar. Um vestido de chita ordinária, azul claro, desenhava-lhe perfeitamente, com encantadora simplicidade, o porte esbelto e a cintura delicada e desdobrando-se em roda em amplas ondulações, parecia uma nuvem de seda da qual se erguia cantora, como Vênus nascendo da espuma do mar, ou como um anjo surpresa de entre brumas vaporosas.

Os encantos da penitente cantora eram ainda realçados pela simplicidade, e diremos quase poesia da modesta trajar. Um vestido de chita ordinária, azul claro, desenhava-lhe perfeitamente, com encantadora simplicidade, o porte esbelto e a cintura delicada e desdobrando-se em roda em amplas ondulações, parecia uma nuvem de seda da qual se erguia cantora, como Vênus nascendo da espuma do mar, ou como um anjo surpresa de entre brumas vaporosas.

(A Escrava Isaura — pg. 3-6)

Acha provável Basílio de Mesquita ("Bernardo Guimarães", Anuário do Brasil, 1928), que, escrevendo "A Escrava Isaura", tivesse Bernardo Guimarães pensado em fazer uma obra de combate em prol da abolição definitiva da escravidão.

O mestre — tão lucido e tão erudito — foi, mas uma certa ilusão de suas mesmas virtudes, encerrando probabilidade onde podia chegar à certeza, e isso se explica pela sua sólida formação de historiador, que lhe não permite afirmar sendo em vista de documentos irrevergíveis.

A mim, todavia, "A Escrava Isaura" se me afigura um documento dessa força.

Mais do que um romance, com todas as deformações das correntes literárias que o novo Bernardo se filiou e com os efeitos de composição que o tempo justifica, a obra oferece todos os elementos de um panfleto político.

Em primeiro lugar, a época.

Publicou-a Bernardo em 1875, o que quer dizer que a acabou três ou quatro anos depois da lei do ventre-livre, promulgada em 1871. Seria, portanto, posterior a essa lei?

A tese, que desenvolve, baseada no princípio legal partus ventram sequitur, manda em 1875 um pouco fora de tempo.

Isaura tem uma desgraçada sine, porque apesar de branca, formosa e virtuosa, aliena da opulenta educação que a patroa lhe deu, — nasceu de mãe escrava.

Orá, em 1875, data da publicação do romance, já o senhor era livre e as crianças não nasciam escravas.

E' de crer que, escritor desde os bancos acadêmicos, que deixou em 1851, autor de livros desde 1852, Bernardo desde muito trouxesse na forja o romance.

De qualquer modo, anterior ou posterior a 1871, "A Escrava Isaura" surgiu numa obra em que a luta contra a escravidão principiava a roer do piano das palavras para o piano da ação.

Narrando um drama terrível, em que punha a infância e crueldade dos senhores e escravos em flagrante contraste com a elevação dos abolitionistas, não nutria Bernardo Guimarães alguma intenção e não mercaria uma oitava?

Colocando todos os males numa cunha e todos os bens na outra, com aquela pintura de ócio ou ostentação dos românticos, está claro que o eminentíssimo escritor não vacilava entre as duas vias.

Abolicionista convencido, fazia obra de abolicionista.

A época não comportava maiores vacilações. A luta ia ardente. Embora não o quisesse, "A Escrava Isaura" não poderia ficar exclusivamente no domínio da arte. Trazia lenha para a fogneira. O seu autor estava marcado para os escravocratas.

Além da época, que demandava uma definição de attitudes de parte de todos os brasileiros, que tinham algum senso de responsabilidade, o conteúdo do romance encunha-nos claramente aterro do pensamento do autor.

Planta o problema com o mais notório dos seus aspectos — e é a desorganização da família que decorre entre as relações de senhores e escravos. Dá-nos um quadro vivo das crueldades, em prática. A premisão dos escravos, patrões e feitores. A dura vida das roças, dos enxugais e dos trabalhos de fiação. O piraí do feitor, o tronco e os alpemas. De portas a dentro, cometiam-se as maiores iniquidades, enquanto, lá fora, as autoridades fechavam os olhos ou apenas apuravam as ordens dos senhores.

Desenrolando-a cuidadosamente e expondo-o à vista do mundo, pretendendo o nosso Bernardo exclusivamente um êxito literário?

Finalmente, o linguagem de Alvaro — o palavrão do drama — não deixa margem a dúvida. É abolicionista. Não fia, porém, em palavras. Herdando escravos, liberta-os e encaminha-os para a vida dos homens livres. Apaixonando-se por uma escrava, sem escrúpulos, sem preconceitos, di-puta-a ao patrício, oferecendo-lhe para contrá-la, e, não conseguindo, arrabalando-lha, mediante execução judicial.

"A Escrava Isaura", pois, não veio apenas para tocar a epiderme de nossos patrícios do último quartel do século XIX nem provocar algumas lágrimas tristes. Era a arma com que Bernardo Guimarães se apresentava no seu combate — que se travava em todo o país.

Romancista que outra arma senão o romance para honrar a sua trinchera?

Quero o leitor com essas ilhas — reconhecerá, em suas páginas a fulgor da oratória de Patrocínio ou o clanger das versos de Castro Alves, que, em 1916, um ano depois, nos deu "A Cachoeira" de Paula Alves".

Diz bem Basílio de Mesquita no seu magnífico ensaio, que não andou acertadamente e "Jornal do Comércio" em epígrafe, por ocasião de sua publicação, "A Escrava Isaura" e "Cabanada do Poi Thomas".

Realmente, não se compara a influência de um e de outro. O que é certo, porém, é que jornalista, com essa comparação, acertou, agudamente, a intenção e a posição do escritor.

(De "Memóram", quinzenário de arte e literatura, nº 5, 10 de setembro de 1930).

MARIO CASASSANTA

GUARACIABA — Bernardo Guimarães

E não se pense que entre esses selvagens não se encontram espécies rústicas grosseras e estupidas, instintos selváticos e grotescos; não é muito raro ver-se entre eles, principalmente entre certas tribos privilegiadas, festas bem moderadas, regulares e expressivas e nobres e generosos impulsos do cotidiano; encontram-se por vezes entre elas criaturas em que a obra de Deus faz lembrar ainda a perfeição de sua celeste origem. Guaraciaba era o tipo da beleza indígena no mais alto ápice de sua perfeição. Filha mimosa de um poderoso cheque, criada com carinho à sombra da taba paterna, sua pele não se crestava aos ardores do sol tropical, nem se lacrava nos espinhos das selvas enredadas, e tinha em todo o seu frescor e pureza a delicie-

POESIAS

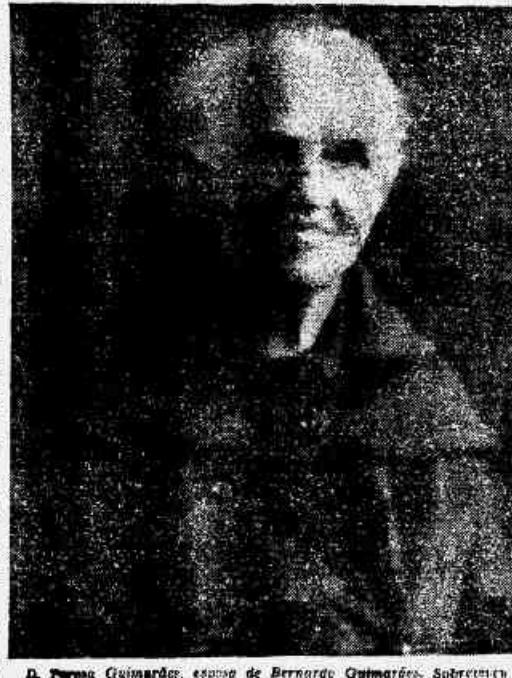
B. J. DA SILVA GUIMARAES

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DE B. L. GARNIER, EDITOR

PARIS — AUG. DURAND, LIVREIRO

Página de título das POESIAS, de Bernardo Guimarães — 1^a edição — 1885 (Garnier)



B. Tomás Guimarães, esposo de Bernardo Guimarães. Sobreveio em 1933, com 84 anos de idade.

Contrato para a edição das "Poesias" de Bernardo Guimarães

Entre os abaixo assinados, da Silva Guimarães veio a sr. dr. Bernardo Joaquim da B. L. Garnier a proposta, em cumprimento de todos os seus direitos literários de Minas, como autor, torraria, da sua obra intitulada "Poemas", no Rio de Janeiro, como editor, por ocasião de sua publicação, "Mário Poemas", pela Quinzena de Literatura, tal rete, que serviu como o primeiro pedido do autor.

I

O sr. dr. Bernardo Joaquim

garbo senhor! um arco trabalhado de primorosa escultura, e um careto trançado de palhas do coqueiro imitando a pele escamosa e malhada de uma serpente e bicho provido de réis, com que fazia crua guerra às avejinhas, cujas penas colhia para seu encilhe.

(O Ermitão de Muquem, pág. 52)

(O ermitão de Muquem)

II

Em fé do que posteriormente os direitos de tal rete, por este cumprimento se obtejam; por si e seus herdeiros, bem como por seus sucessores; cujos contratos entre si e o local de seu domicílio devem de assinados.

Rio de Janeiro, 5 de abril de 1875

Bernardo da Silva Guimarães
B. L. Garnier

ESTUDO SOBRE BERNARDO GUIMARÃES - Augusto de Lima

A Academia celebra, com antecedência de dois dias, o centenário de Bernardo Guimarães.

Sóis assistente a maior da cadeira de direito, a quem devia caber no sucessor de Raimundo Corrêa e Oswaldinho Cruz, o magistral orador do passado e romântico intelecto.

E é pena, porque ao espírito penetrante e delicado de Alvaro de Carvalho infelizmente faleceu o Canto da Solidão e rumaramos de A. P. M. M. um aspecto novo, não apreciado ainda pela critica moderna. O mesmo poderia suceder, para satisfação geral, se, como era o privilégio esperado, houvesse aí uma interessante introdução ao mosaico contínuo Alberto Cruz. E só pareceria munha das suas hospitalares com que prendem a massa atônita, ver a lombarda gótica de desmontar para esta fadiga, o que não é de todo provável pela Academia. Acerca a cargo com a conduta de o aludido, nem as responsabilidades do dito, que em tempo fará trânsito, comentarei.

Eu prefiro apenas trazê-lhe algumas impressões que devem estar muito longe de reflectir a grandeza, a originalidade e o valor da obra literária de Bernardo Guimarães, cujo artigo não pode ate hoje ser devidamente tratada. Todos estão de acordo em reconhecer um dos fundadores da literatura moderna no Brasil e na poesia. Minguem diria modestia, o sentimento de grandeza de natureza brasileira, de que mereceram a sua obra.

Obras tão boas, com suas grandezas de observação objetiva e o poeta das *Cantadas* e *Simbolismo* de Ferreira de Almeida, o Edmundo representante da cultura artística no planalto central do Brasil, com suas ricas marcas e encantos de letitaria polifônica, britânica e vivena nos seus versos, cheios de sinfonias de alegria, de risonhos de canticos e de todos os prodígios de lira, de sona e de perfunções que enchem essas sololadas, apesar de inumanamente interrompidas de longe em longe pela vida simples dos acréscimos — vibraram, há frequentes referências ao romance, denominado comum a todos os poetas que a fatalidade do período histórico fez cantar, a partir do movimento literário europeu de 1830. E Bernardo Guimarães fez tanto como a deuinha, um romântico e um lírico, ao lado de Poeta Alencar, Gonçalves Dias, Magalhães, Junqueira Freire, Alvaro de Azevedo e todo o longo cortejo. Tudo isso, no entanto, deve ser examinado e verificado em confronto com a história da formação de poeta da sua cultura, do seu meio. Nem toda essa complicação apreende para o leitor da arte, ou mais claramente que os versos de Bernardo Guimarães não se preveem, com os de poetas entre

poeira brasileiro e que os seus inimigos só se ascendiam nas costuras, nos cravados, à natureza que eles prelecionavam. Bernardo Guimarães não teve jamais modelo escrito. Tudo nela foi sempre originalidade e similitude.

Pode ascender-se a habitual, sim, a versificação e a rimas, ao versículo de uma inspiração sempre arcaica, alguma vez versátil, mas em Bernardo Guimarães que só um genuíno idiomatismo.

Pura educação da infância, formada pelo meio familiar. Seu pai era poeta. No seminário de Campo Belo, onde estudou preparatórios com os padres Lazaristas, o *Gradus et Personam* andava de mão em mão, na tradição do recíproco de versos do latim para o português, e neste para aude. Se alargou, também, entre outros, a jovem estudante fol exorcista, outra moça, talvez a que é de Ouro Preto a Visconde, principalmente, desde sua *Lógica*, e a de Gonçalves e Claudio, numa tarde, em São Paulo, já a solenidade de direito, que é que o ex-

formigado discípulo do padre Leônidas, visto a condecorar Byron, Stevenson e Lamartine. Na实na, fazendo da triade poética de Byron, nova, como companheiro de Alvaro de Carvalho e de Aureliano Embrião vivendo, por assim dizer, em família e intimidade, durante quase 20 anos, que se dedicava ao estudo da literatura com as suas colocações originais no discurso de professor de sua invicta idade e do enigma original dos seus prodígios.

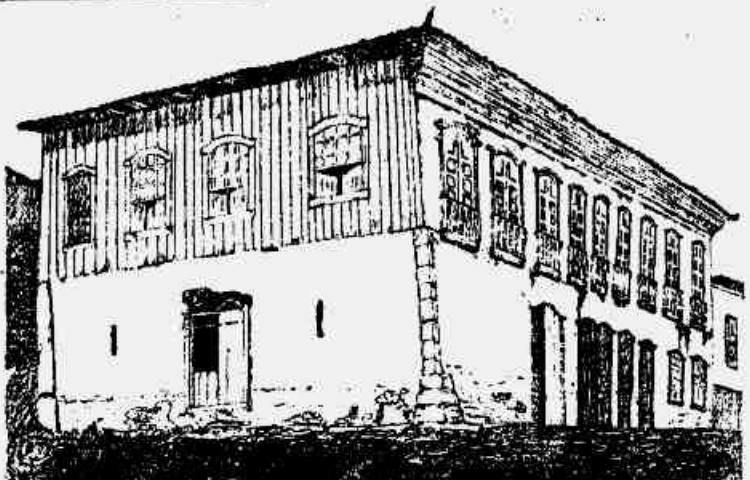
Foi também, como disse Arthur Azevedo, o maior poeta brasileiro daquela época, que não copiou seriamente um modelo qualquer do velho mundo.

Havia, e era, analogias de sintonia e de estudo de alma, ou o que hoje se chama, com os seus amigos próximos — mentalidade.

O poeta imitava de Byron, mas só o céltico filosófico, também os hábitos mundanos, ou mesmo mundanos. O romântico mantinha então com o classicismo aliado, apenas um ponto de contacto — o entusiasmo dasce, o culto desordenado a Bacchus e a Venus. A taça de Hebe porvir, tocada pela taça das orquídeas, era de aço e ambas da justa morte, personagem da tuberculose, e do deserto tremendo.

O romântico não foi somente a liberdade das assunções, mas também a impensada, mas inúmeras outras, que foram inaudiadas em plena primavera, ou antes de tempo, que naturalmente teriam de desaparecer.

Bernardo Guimarães é, desde a sua infância, o maior poeta, em rima, de sua geração, que o conhecera não tardou a inclinar-se no incidente das extáticas visões. Morendo Alvaro de Azevedo, imitava-se o sonhador das *Três Línguas*, sobrevolando inquietos, os dous milheiros. Bem



A casa de Bernardo Guimarães. O desenho é da autoria de José Guimarães Chaves, neto do romântico e Aureliano, certo fadaria em tempos longos, mas esta glória não excedeu, embora no qualitativo, a do magistral historiador de Alvaro de Carvalho e de Aureliano Embrião vivendo, por assim dizer, em família e intimidade, durante 20 anos, que se dedicava ao estudo da literatura com as suas colocações originais no discurso de professor de sua invicta idade e do enigma original dos seus prodígios.

Foi também, como disse Arthur Azevedo, o maior poeta brasileiro daquela época, que não copiou seriamente um modelo qualquer do velho mundo.

Bernardo foi o sobrevivente que podia resistir aos estudos clássicos da capital. Mais Brasília, de que iniciou sólida vitória as suas virtudes românticas. O velho não era da escola clássica. Desenvolveu, apenas, o entusiasmo dasce e das famosas virtudes do amor — inspiradoras de Vitorino Quental e Horácio Escrivão — e a paixão, talvez, o alvorecer celebrado como Tona Gália das duas amores para a literatura universal da poesia. *Estas* são nobres Amor e depois dos românticos, já se possa no alegre a inspiração. Nesta conta de poucos a imortalidade e continuidade do paramentado, que contava encantos belíssimos, nem menhinha das outras casas em que dirigiu a noite melhor. Também as virtudes de Diógenes não foram somente as inusitadas de Bocage e de Azevedo, a clássica e a romântica, mas inúmeras outras, que foram inaudiadas em plena primavera, ou antes de tempo, que naturalmente terminaram de desaparecer.

Bernardo Guimarães é, desde a sua infância, o maior poeta, em rima, de sua geração, que o conhecera não tardou a inclinar-se no incidente das extáticas visões. Morendo Alvaro de Azevedo, imitava-se o sonhador das *Três Línguas*, sobrevolando inquietos, os dous milheiros. Bem

Um ano a Bernardo, na terra natal, fala o Ceará. O magistral historiador de Alvaro de Azevedo, que iniciou sólida vitória as suas virtudes românticas, que contava encantos belíssimos, nem menhinha das outras casas em que dirigiu a noite melhor. Também as virtudes de Diógenes não foram somente as inusitadas de Bocage e de Azevedo, a clássica e a romântica, mas inúmeras outras, que foram inaudiadas em plena primavera, ou antes de tempo, que naturalmente terminaram de desaparecer.

Bernardo Guimarães era um poeta na altura da terra em que nasceu, e tal é a sua juventude dos críticos quando apuram os seus versos. As poesias de Bernardo Guimarães resplandecem um tal perfeito, tecido têxtil, tecido magistral, tecido romântico, um tal entusiasmo por tudo quanto lhe é caro, e o bonito artístico, a harmonia a mais perfeita dominando conscientemente a rima, sinuosidade e melodia, as suas arribadas, suas saídas, sempre que lhe são versos de bordo, intuindo um certo relevo tal que com certeza elevam a altura maior que jamais tenha atingido poeta clássico nacional. Este julgo é da "Reforma", de 1936, noticiando o aparecimento das *Novas Poesias*.

Agora o juiz de um contemporâneo de penetrante senso crítico, o sr. Artur Motta:

"A sua poesia poética é flexível, maleável, amigável, a vários cenários, desde o opaco ao luminoso. É por vezes tecido e lanhudo, outras valinhoso e amavel, em certas passagens é sarcástico e em outras contemplativo. Exemplificando-se nela malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico."

Ninguém melhor aproveitou, para o interesse das narrativas e entrecho dos contos e românticos, as lúmias e superlúmias das impensadas populações dos campos.

Não podia existir que nas suas quadras houvesse alguma toque de individualismo, porque não traduziu o cenário minuto-palmo-patinha, em que se invitava os drâmas da sua criação, havia freqüentemente o resultado dos costumes das indias, em frequente contacto com o civilizado.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes, tragicida dignificada sob a malhação dos críticos e absolutamente ignorada das platécias do Rio, contém conceitos e elementos que, embora o generoso em sua formar escritos possam ainda hoje interessar aos espectadores, e penas e admiração de profundo caraterístico.

O seu drama *A noite do Paje* apenas não vez representado no teatro de Ouro Preto, é um documento probatório dessa afirmação. Esse drama, os artes

multo contente, cansada já de vagas poesias severas, pelas rancorosas e pesadas susteram, deixou a orla do Atlântico e se foi abrigar na lente para ver lendas florâneas. E foi este, no que me parece, o último esforço da sua imaginação. A *Hora Maldita*, ultimo livro publicado em vida do romancista, é a reconstituição de uma lenda maravilhosa dos pescadores, que com o caça apurado lucrativa de uma ilha e tornava-lhe um dia mágico, bem comparável ao que *Saturno* e o espírito do *Novo Zélandês*, e ao de *Tristão e Isolda*. Todas essas relações se deram... ante os olhos do mar, todos reunidos silenciosamente na morte. Isto, para mim, é o abismo e por isso, infinitamente mais esteticista, porque traz vagas de que o mar é a paixão de um vira, que não de ver atrações, lebendas ou desventuras.

Outras pinturas-ses de purismo nas águas do Atlântico baulharam-se, que a subversão nos trouxe Bernardo, e ambos, tua e destino, e da *Hora Maldita*, vibraram na morte, todos os briosos e exatos no seu humor fatal.

Outra intenção do romancista pode ter um simbolismo terra em sua significação:

"Nada mais invencível que o amor, quando o protege a morte." No encontro Bernardo Guimarães durante uma reunião passada em Ouro Preto, pelo verão de 1933. Um amigo prometeu levá-lo a sua casa, no alto das Caldeiras. Entregou-lhe a estrada de extremo risco, só de poeta, mas me era possível resistir a entusiasmo que já sentia na minha visita ao autor. *Cantos da Sombria e da Encara Fúria*, que desde trazia a encenação. A hora combinada não chegou, e o meu amigo a longínqua residência de Bernardo Guimarães.

Ali chegando e introduzido, suscetou-me o próprio romancista que me acolheu com toda a simpatia e familiaridade. Era longa audição, estendendo-se a sua personagem e aventuras. Ultimamente fala profusamente de teoria do hereditário, encarregado de escrever a *Hora Maldita*.

Não sei qual havia da sorte, das duas. E suscitaram-me que a vontade hereditária é o problema que é a sua própria origem se chama Princípio. Referiu-me que sua avó, Maria Amélia, a uma trama de censura que lhe fizera Vassoura, Moçambique, a propósito de uma obra que dedicava ao Imperador e à Imperatriz. Repeleu assim o que já escrevera no prefácio das *Páginas de Outono*, no qual manifestou a natureza profunda e abissal instintiva aversão pelo verso alegórico. Pois não havia de ser estranho ao imperador e à imperatriz e à princesa, que São Geniliano vinha todo para com ele, na memória, noite do concerto oferecido a S.M., no salão da Assembleia Provincial, quando se levantaram apertadamente para receber o escritor mineiro, que acompanhado de suas filhas Isabel e Constantina, ia oferecer-lhes os seus livros?

Havia feita a visita e, devidamente, faziamos de volta a convicção de que não poderia durar muito mais o canto do Brano. E assim foi, vindo a falecer em 10 de março do ano seguinte, tendo vivido apenas 59 anos. E digo apenas, porque a longevidade em mais de 50 foi sempre a regra em sua família.

Bernardo Guimarães dedicou a Góes Dias, a quem sublimava um poema de alto culto, em protesto contra a atitude da Câmara dos Deputados, recusando ao Maranhão o auxílio para uma vitória no canto dos *Timbres*.

Era um fato. Ele próprio não teve até hoje um simples *equilíbrio*, a não ser na leveza medrada que assinala as sepulturas pobres, e que o tempo consumiu, o que faria também com seus ossos, se não piedosamente resguardados em urna, que, também de madeira frágil, os vai deixando desabrigados.

Não tem sido preferível que o eterno mortal do imortal autor da *Soldado Tiveroso*, como o de *Góes Dias*, por túmulo o mesmo Alívio?

Não queria ele próprio, se considerasse submerso, como sua filha, como Ricardo e Regino da *Hora Maldita*?

Por que a vela comum das ondas é a ingratidão dos homens?

Mas, que importa?

O fundo do oceano é só o céu dos homens, não de sempre ressurge à tona, essa casca que, como o de Seula e o Hollandas, se transformava pelo amor, batizado de sol, ruidos de glória, imersa e envolvida na perenidade da sua urtiga.

AUGUSTO DE LIMA.

(1) Discurso do Augusto de Lima, na sessão pública da Academia Brasileira, em 13 de agosto de 1925, comemorativa do centenário do nascimento de Bernardo Guimarães.

CARTA DO LIVREIRO GARNIER A BERNARDO GUIMARÃES

Rio de Janeiro, 28 de março de 1872

Ilmo. sr. dr. Bernardo Joaquim da Silva Guimarães

Ouro Preto

Acabo de receber a prosada carta de v. s. de 22 de outubro e expresso-me a lhe dar notícias de Garnierpo, enviando-lhe 10 exemplares 10 J. F. n.º 2.

E' verdade estivemos calmos na impressão de livros para Paris, eis no momento da guerra e voltar quando me faltava papel, mas eu já estava a venda se não fosse a Semana Santa. Tudo entendo de publicar e mesmo volume d'água um dia menor. V. s. querido posso e ter pronto muito antes, porém fui mais acertado deixar este espaço entre as duas obras.

A respeito das duas outras observarei, v. s. há de me permitir de lhe ponderar minhas considerações:

Em quanto a remuneração é-me forçoso considerar antes de tudo o resultado; ai eu poderei remunerar conforme meu gosto e ver e, posso dizer, das pessoas entendidas, as obras de v. s. seriam no 1º lugar, porém estou obrigado a lhe confessar que a venda é que é necessariamente meu regulador não correspondendo inteiramente por qualquer tomate das sra.

Meucreio e Alencar tenho logo um público que ainda me falta para as de v. s. A que é devido isto? Talvez a que suas obras sejam mais ao alcance do público, talvez porque elas tem escrita muito mais. Euclino-mo a esse parecer e por isso não duvidou que si v. s. continuasse a nos trazer romances haveria de ir continuadamente grangeando a popularidade que merece tanto.

De v. s. am. admir. crd. obr.º

Talvez julga, visto que não compro ao sr. Alencar o direito de imprimir uma edição mais bem apropriada de todos os seus direitos literários. Toda os outros autores são menos remunerados, alguma, tem somente algumas exemplares. E' o nosso mercado o que nos limita assim.

E' aíndade que emprende baratinho entre os sr. o anno passado; ainda tenho duas no prelo: A "Guerra das Missões" e o "Gênesis d'ouro" mais v. s.

sabe que só podia se fazer tanto para suas obras como

para as do sr. Alencar, pois que sou pronto para publicar todas que quiser, só me dar.

Jásto rendete o rende dos srs. J. Benito Ramon Ferreira & Cia, que pagou por conta de Soares & Vasques de R\$ 300.000 saldo do seu último vol. e que por esquecimento não lhe envie no seu tempo.

Não me lembrei oferecer a v. s. a compra da propriedade das suas obras, em lugar d'um direito a pagar em cada edição como fizeram por seus romances, e isto por ser a diferença de pouco, visto que, como v. s. bem o percebe, me é mais conveniente ter a pagar uma quantia maior, si precisar de fazer nova edição, que correr os riscos e pagar já. Todavia v. s. querendo pode para o futuro tratar nesse sentido.

Perdoe-me v. s. de o massar com tantas explicações.

Sou de parecer que "les bons couples font les amis" e desejo continuar a merecer a estima de quem prezo e considero muito.

De v. s. am. admir. crd. obr.º

B. L. GARNIER

(Carta em poder do escritor Moacyr Andrade, da Academia Mineira de Letras — Cópia de acordo com os erros do original).

SONETO

*Eu vi dos polos o gigante alado,
Sobre um montão de pálidos corticos,
Sem fazer caso das buleças ariscas,
Devorando em silêncio a mão do fado.*

*Choco folhas de tufo gelado
Figurava na mesa entre os peixes,
Envolto em crepe de folhas rabiscas,
Campeava o rojista em anguientado.*

*Quem és, que assim me cercas de episódios?
Lhe perguntei com voz de sibogismo.
— Brandindo um facho de trovões seródios,*

*Eu sou, me disse, aquele anacronismo
Que a vil enterra de sulfúrios ódios
Das trevas urpítei de um solectismo...*

BERNARDO GUIMARÃES

O MUQUEM

Bernardo Guimarães

O dia já vinha clareando as ermas ribanceiras do Tocantins, e as brisas da manhã, que sopravam feras, começavam a varrer o ténue vapor branco que a noite estendera sobre as águas como um rio de leite, e que despregava elevando-se em velhos flores por sobre a cana verde-escura das florestas. As selvas enchiham-se de murmurios, de cantos de aves e gritos de animais de toda a espécie. As águas ressoavam ao saltitar dos peixes, que aqui e acola faziam brilhar ao sol suas luxentas escamas. Nuvens de aves aquáticas cortando os ares abatiam a vinha pouso ao longo das praias: a alva e ebelha gareja, malz bein que o cise, o guarda e o colheitreiro, afastando a beira de sua mimosa plumagem cor de rosa, o corpulent e peitado jaburu, o pato alvitreiro com suas escutas penas lúcioas como o rei polido, e mil outras aves de diversas espécies e tamboins, esvojavam, passeavam ou nadavam em bandos por ambas as margens, enquanto pelas altas ramagens, que se debatiam sobrevoando-se, faziam ruído uma chusma de aves aquáticas, batendo as suas asas e fazendo inúmera agarraria com seus chos e gorgos, e os seguia e exangulares gritando e saltando de árvore em árvore ou balançando-se nos ramos e eipos das brechias emaranhadas, enchiham as salvas de vida, bulício e ruído. Ali a anta meninuda arcoíndia-se naquela fada evocando sobre-seladas com grande ruído uma chusma de aves aquáticas; além a loura ebelha e siva de um salto emburca-se no rio dando caça aos peixes e surge alem tendo ultrapassado a boca a prateada pirapitinga ou a erumá de cascadas de ouro.

(O Brinco de Maquia)



Homen de Bernardo Guimarães, na praça da Liberdade, em Rio de Janeiro. Foi autor da *Extritora de Bernardoelli*, e foi inaugurado em 1914

NOVAS

POESIAS

BERNARDO GUIMARÃES

Página de rosto do volume das NOVAS POESIAS — Edição Garnier — 1900

BERNARDO GUIMARÃES

*Batendo o fogo, à pedra, nos taqueiros,
De chavelas e botas, a carolo,
Na mão a corte, a cujo fino estalo
Os briosos animais são mais ligeiros,*

*Fazia quadros de assuntos brasileiros,
Gorgelos de aves e o cantar do guio,
O rio largo, o sol, o umbrôravo valo,
Campos e serras e despenhadeiros...*

*Há no seu proctoso boculismo
Nuanças amarelas de alegria
E caudas opulentas de iúlvimo;*

*Tinham para ele a mesma ideal beleza
O mistério insinuante de um adorno
E a por silvestre da natal devesa.*

LEONCIO CORRÊA

"ANTERO"

Carlos de Assis Pereira

Promovidas pelo Departamento Municipal de Cultura de São Paulo e reunidas em artístico volume, vastamente ilustrado, publicaram-se agora as quatro conferências que o prof. Fidélino de Figueiredo pronunciou no capital paulista, por ocasião do primeiro centenário do nascimento do poeta, exortado do tempo da Manha.

Apesar de "volvidos tantos anos sobre o primeiro diálogo com o seu espírito" e de a obra de Antero já ter sido tratada por eminentes mestres, o professor Fidélino de Figueiredo tem sempre coisas novas para dizer. Apesar de se ter virado, no proselito, a "falta atípica de documentação bibliográfica" e de novo livro não é apenas uma reflexão da pose e da forma de Antero. E' mais do que isso: é a experiência de alguém que tem vivido intensamente a vida, que muito sofreu e, por isso mesmo, conseguiu dizer aquela alta serra de pensamento só um Antero.

O próprio título "Antero" — tout court — tem, a meu ver, um grande significado. Antero é um nome de fato de uma obra e representa bem a "entidade espiritual do século XIX". E o prof. Fidélino de Figueiredo não é apenas um "estudo" à herança do século XIX, mas é também um dos escritores mais interessados com a obra e as manifestações da sua época e um dos intérpretes mais sinceros e mais certeiros da cultura interior. Desde o título, pôr santo pela metade e honesta dedicatória, em todo caso, sente-se que o prof. Fidélino de Figueiredo viveu a verdade e continua a viver o nome de Antero.

Aqui das quais o correspondente

Correspondência de escritores

Carta de Aníbal Teófilo a Marcelino Fagundes

Recife, 9 de dezembro de 1935.
Caro mestre

Ass. visto e a satisfação do

deitar-me responde.

Escrevo-lhe que estou no

tempo de escrever.

Que fizesse de mim? Que fizesse de mim! Escrevi-te um certo postal de casa de dois meses, perdendo-me o envelope com a maior urgência, e versos que deixei cair e dos quais não tenho mais copia. Fidélino recorreu-o para Larangeria 2, onde me disse que devês estar aliado ao nascido superior convívio do Alentejo, no Gregório e de Tige. Aí, leio... nem...

Gregorio já está "enferrado"?
Alívio!

Abrace-o com força reuni e gozo.

Previo-lhe a satisfação que estou encontra-nos habitualmente por estes 200 anos.

Caso de uma saída de ferro, um grande espanto dos amazoneiros. Credo que só ficarei encantado no Morro por descer em espontâneamente por bobedoria.

A grande porção de roupas que trouxe do Rio não chega mais. Minha amiga acaba Enimio de Melo em tatu-bola.

Manhã consagrada aqui e raça de sou celebração sempre.

Exerce o cargo de oficial interíssimo do Regimento Geral de Hipótecos e Projetos de Leitura.

Já vi que seu troço em penas, por volta geral da pena "iniquitativa" o buxo.

Abraço-e belja o Gottart de Oliveira. Ele que é um grande escritor no Alberto de Oliveira perde novo troço. Espalha por ai que sou um semi-deus-poeta aqui, ali, que ali só não desvanece. Tudo já grande bagagem poética...

Porque que me envia esse canto aí tão rigoroso brevemente os versos "Amazoneiros" — O Tauraturgo Vou me prevenir quando chegar em.

Volto escrevendo a biografia do Dr. João Lopes Filho, aqui morto em severo desto sim.

Enviava-lhe a do Bolívar Postreco, disse, mais tempo do que eu. Será isso uma grande justiça e agradecimento dos nossos corações.

Quando virás para um pouco por aqui?

Acorda, acorda um grande abraço do seu muito sincero

Aníbal Teófilo.

trema o volume onze apêndices de "Motivos anterianos" de autoria do Mestre e de outros autores.

Iniciando a primeira conferência — "Antero — guia de uma geração" — reconstrói a personalidade do poeta, em traços vigorosos e inovadores; a sua constituição mental de apóstolo e de guia; a sabedoria que lhe difundiu a ação; a sua obra discutindo; a sua prosa, que através da "multa das suas iniciativas" como guia de uma geração.

Desce a sua carta. *Bom Senso e Bom Gosto* (de 1855), até o seu discurso como presidente na Ligea Patriótica do Norte (de 1850), a peça de Antero — intrincadamente, por vez — é a de um guia rebatizado contra a literatura e a ordem social vigentes.

A fundação da Sociedade do Povo, a sondação do Príncipe Humberto, o Manifesto dos estudantes da Universidade de Coimbra, são protestos já vencidos, mas ainda inquietos. A Querida Coimbra. Com esta polémica, mais do que com os artigos socialistas e humanitários das *Obras Modernas* (publicadas também em 1855), é que Antero se revela o chefe de uma verdadeira revolução humana, estúrdia e hiper-critica.

Vem depois as conferências democritas do Chácara Lisboense (1857) organizadas por Antero. E fez isto porque quem se junta com o tema das causas da decadência é da pós-penitenciária nos últimos três séculos, é ainda da sua pena o Professor contra o encerramento da sala das conferências democritas e a carta ao Marquês d'Avis, o ministro que expediu a portaria — "caia má e tala" — que mandava fechar a sala.

Alexandre Herculano, "o velho", na sua figura respeitada e encantada pela memória de Antero, dedicado por ele, para dar o seu peso sobre a arbitrariedade da portaria, foi dito em: "Leia a de V. J. de Lobos Trancoso e o prof. Fidélino de Figueiredo em um encínio entre Herculano, Antero e, mais, Sá de Miranda, três nobres carapintadas da mais vicinada constituição artística, porém igualmente sensibilidade, pertinacia de seu ceticismo, nas apreensões sobre o destino da pátria, na angústia que nela se sente, das portas de colas pró-pra".

Para o prof. Fidélino de Figueiredo toda geração (é o Mestre volta a gloriar esse conceito expresso em obras anteriores, por exemplo, em *Motivos de Novo Estilo*, Lisboa, 1930, págs 61 e segs.) — toda geração se caracteriza por ter um programa. Antero, guia e apóstolo, redigiu um Programa de Trabalhos para a Geração Moderna. Embora tenha existido, fosse conhecido e noticiado em sua correspondência, com Oliveira Martins, há referências ao Programa, o fato é que Antero, num momento de desánimo, desistiu, ou o manuscrito, como já antes fizera com as imortais lighères. Conclui o prof. Fidélino de Figueiredo que o desaparecimento desse Programa é apenas um título para ser incorporado no triste inventário das grandes perdas da literatura portuguesa.

A segunda e a terceira conferências — Antero — a sua carreira filosófica e poética — enlaçam a filosofia e a poesia de Antero, "porque assim se desenvolveram na mente do poeta".

Fundamentando a afirmativa inicial da identificação de Antero com "a entrar" a espiritual do século XIX", o prof. Fidélino de Figueiredo faz notar que "o século dessa "âncora idade da história humana" e da cultura antropocêntrica, é não o século a medicina burguesa, que Antero dolorosamente representa".

Assistindo à falência das idéias neoclericais do liberalismo — ideal forjado nas frágues da

Revolução, que — que eram substituídas por uma outra ordem social, política e econômica, Antero via de enrolar, diante de seus olhos, um "luz do filme histórico", de "algo ruim lá".

No cenário nacional, apresentou a morte o rei d. Pedro V; o reinado pacífico do rei don Luis I; a candidatura do rei e seu filho no trono espanhol, vago pela deposição d. Isidro II, por Prim; o concílio econômico do Vaticano; a Salazarinhada; e a exploração do continente africano.

Fora de Portugal, em Espanha, na França, e em outros países, o panorama social e político é também grandemente agitado.

E' esse pessimismo do fim de um récito que confiou demais na razão, que "Antero" documenta com sangue e lágrimas, com versos e com prosas empolgadas de dor".

Nos anos que precedem, à "irregularidade intelectual e moral"

traz as influências exercidas sobre Antero: o povo, Alme Martin e Alexandre Herculano. Ao primeiro foi sempre fiel; no segundo esqueceu, "porque ventos mais fortes e mais fecundos sopraram depois". Herculano é que foi uma constante influência; dele não se separa mais, nem mesmo quando se encontra com João de Deus e trava conhecimento com a matéria política de Cambés.

O seu livro póstumo *Raios de Extinta Luz*, editado por Teófilo Braga, o "Cardeal Diabo", e correspondente à primeira fase da sua evolução poética (1855-1863), já contém temas como a liberdade, o amor a Deus e notam-se influências de Herculano, D. António, Camões, João de Deus e Bandeirante.

Nas *Primeras Românticas*, plena o poeta o eterno tema. O amor, para Antero, era o que ele para Cambés: uma pura, esplêndida e excentrica. Embora talvez notar que não tanto totalmente praveram com ele, reforçaram nos seus amores, a verdade é que até hoje, no certo, nela se ráde doce, porque eram "zona reservada". As intuições M. C. continuam a negar-se os curiosos e a ser um mistério para a crítica, apesar das hipóteses que se formulam...

As considerações sobre o amor de Antero, expandidas pelo prof. Fidélino de Figueiredo, já eram conhecidas, porque fazem parte do artigo do mesmo autor — Antero de Quental e as mulheres — publicado em 22 de março do ano passado. Agora, incluídas, no corpo das conferências, sofreram algumas modificações. Se se garha, por exemplo, ao finalizá-las, com a transcrição da poesia *Serenata*, perde-se aquele conceito dominicano do embrulhamento de Antero pelas muitas quando afirma: "não serão os homens que se devem arcar com os Sonetos, mas também as mulheres, porque "ele soube amá-las, como elas devem ser amadas profundamente, secretamente, endeuamente..."

Estudando Camões, como ilírico, o prof. Fidélino de Figueiredo explicaria como de imitador do soneto petrárquico. Camões passou a criador do soneto camoniano. Lopo d. Carolina Menezes comentou essa tese, em que achara "verdade e justiça". V. O Canelinho Fernandes — mas, Coimbra, 1922, pag. 19, nota II. Agora, tantos anos passados, volta o eminentíssimo Mestre a explicar como, na mente de Antero, se desenvolveu a sua tipica maneira de conceber e criar o soneto anteriano: "o que Antero faz é meter o mundo repleto das idéias abstratas e das suas singulares ameaças metafísicas no mundo comum das sensações de forma e cor, e dos normais sentimentos humanos". E mal adianta: "como estilizar o panorama da vida num punhado de recordações e idéias, achar a forma de expressão desse estilo, o soneto anteriano".

Assistindo à falência das idéias neoclericais do liberalismo — ideal forjado nas frágues da

A POESIA DE UM VELHO ALMANAQUE — MUCIO LEÃO

uma pessoa amável fez chegar as minhas mais um velho número de Almanaque de Pernambuco. Teve o cuidado de assinalar a lápis um trecho referente aos sanduíches das suas divertidas pílharias, das suas carinhas pa-galhudas, me traz essa inquieta volta no passado.

"No salão nobre da Faculdade de Direito, houve sessão fúnebre, em homenagem ao poeta Olavo Bilac, promovida pelo Centro Acadêmico. Presidiu-a o bacharelado Oliveira e Silva e foram oradores, o do Centro, bacharelado Mucio Leão e Mucio Leão."

Lei estas linhas, e a minha saudade faz uma longa viagem, e me conduz a outros dias que ficaram, perdidos nem sei mais em que tristes brumas românticas...

Diz o Almanaque que paquile dia falei sobre Olavo Bilac. Mas a verdade é que não tenho nenhuma recordação de tal discurso. Bilac foi, sem dúvida, em dias doceis, enlevos da minha adolescência e da minha mocidade. Eu amava a sua inspiração quente, transbordante, a magia do seu estilo tropical, aquela irremediável ternura com que ele sabia falar aos ouvidos femininos, arte que naquele tempo (e ainda hoje...) me parecia a mais preciosa das artes masculinas. Assim, quando ele morreu, tive um pesar sincero e profundo, e se possuise facilidades de orador, teria certamente celebrado, com ardor e com saudade, a memória do poeta querido. Mas é que nunca nenhuma, nem nuns tempos mais imprudentes de estudante, me considerou orador. Faltou-me sempre aquele prazer de aparecer ante as plateias, e a minha evitação de brilhar ante os auditórios, aquela fome aquela capacidade de viver misticamente ou horas dentro de um mesmismo — que me pareceram as qualidades essenciais de um orador. Bebendo como eu na alma, tive um pensamento constante, que não gosta de se fixar demasiado numa coisa só... Assim explico que, quando tenho que enfrentar o público, mesmo numa oração breve de poucos minutos, peço a Deus a garantia tranquila de algumas lindas escritas.

Portanto, a enquela noite fui sobre Olavo Bilac, foi com certeza para ler alguma página mesquinha e sem cor — da qual já me dediz há muito, no curso longo desses alguns mil dias que nos separam da morte do poeta de *Janina Verba*.

Conselho-me da minha definição como orador com esta ideia amável — a de que o auditório daquela sessão comemorativa nada teria perdido, pois na mesma ocasião falou um orador de primeira ordem — Mucio Leão do Prado.

Era um encantador companheiro, o mais estouvado e o mais alegre dos meus colegas de mocidade. Tinha uma voz tonante, que encorajava a assembleia e dominava qualquer tumulto. Foi deputado na Câmara de Pernambuco, "líder" da corrente governamental e quadriúnvel de Estácio Coimbra, e era excelente advogado, habil, lógico e arguto como o próprio demônio. Teria vindo para a Câmara Federal, onde de certo havia de fazer resplendida carreira, se não fosse a vitória da revolução de 1930. Morreu há cinco anos, já no Rio de Janeiro, para onde viera, trazido pela sua derrota política. Estava em plena mocidade, e o seu talento brilhante ainda não tinha conseguido cristalizar-se em nenhuma atividade definitiva. Lá se foi, sem ter realizado nenhuma das belas promessas que se nos fizeram. Poore Mucio!

Agora, quando essa inquieta volta

no Almanaque de Pernambuco, põe-me a recordar a literatura pílharia e irreverente que meus amigos e eu fazíamos das sanduíches das suas divertidas pílharias, das suas carinhas pa-galhudas, me traz essa inquieta volta no passado.

Mas essa velha notícia, apurada pelos meus olhos, não me traz a lembrança apena, a figura de Mucio Leão.

Traz-me também a saudade de certa campanha política — uma campanha poética e irreverente, ingenuamente política, que andei metido quando estava a Faculdade de Direito do Recife, a primeira e a única campanha política que juntei e, espero, jamais farei.

Acontece que, como em dia a dia, no meu tempo de estudante, um dos encantos da mocidade era a poesia de Olavo Bilac. Creio que era um dos encantos do todo Brasil. Naquele momento, estava o poeta a fazer a sua propaganda de serviço militar. Por isso o seu nome andava numa voz cada vez mais intensa. E o poeta se tinha tornado, por todos os titulos, um nome legitimamente nacional.

Ora, verifico que, por um movimento interno da política pernambucana, ia ocorrer uma vaga na bancada federal, uns deputados em sair, para serem governar o Estado.

Poi casar a oportunidade que surgiu no sonho do adolescente agitador político... Decidiram então, em nome dos amigos da Faculdade de Direito, pedir ao governador do Estado para apresentar o nome de Olavo Bilac como candidato à vaga que ia verificar-se. Né, se nenhuma entidade ou comitê, nem os deputados, se candidataram, e todos tinham candidatos independentes ao prêmio. E só me animou muito, e se indignava que se levava os simbólicos de duas ou três reuniões de estudantes, o pedido se tornaria forte, e traziamos essa indicação ao nosso governador. Era a ironia que acontecia um lugar no sol, na minha bancada, para o qual se achava mais justa a indicação de um homem que adorava o seu poeta dileto. Que coisa mais feia de que essa? (Assim pensava o ingênuo e poético comboduro...)

Tendo recebido a palavra de apoio dos colegas, fui para casa e tentei de redigir, com toda a eloqüência de que eu capaz, um manifesto e tanto. No dia seguinte, estava com o documento, noivinho em folha, e luminoso, ao sol como um brilhante promissário para receber as assinaturas dos colegas.

Mas — oh! decepção entre duas amarguras — fosse rejeio de alguma irritação governamental, fosse timidez, fosse lá o que fosse — a verdade é que as mesmas elegas, que na véspera a me haviam prometido com tanta ardor um apoio tão incondicional, agora se negavam a receber o documento laboriosamente feito e brilhante! Dos quinze ou vinte dezenas de rapazes da Faculdade, nem dez conseguiram coragem de assinar o seu nome na origem, vibrante página em que havia indicado a Câmara o nome do poeta.

Era isso em 1917, ou 1918, não sei bem. Pouco depois o poeta faleceu.

Morre Olavo Bilac, sem ter tido a mínima honra de que "muita gente" o seu nome endereçasse sua estatua de um jovem estudante, como o de um passível deputado federal.

Também não teve a decepção de saber que a juventude do seu país — que ele sempre souhou — sua juventude forte, desinteressada e generosa — tinha faltado tão mediosamente de dar o seu nome a uma ideia que se era muito poética: era também muito extorquente, para um país como o Brasil...

